## SÉRGLEY DE MATOS NEVES

# OS EUNUCOS E SUA RELEVÂNCIA NA ADMINISTRAÇÃO DO IMPÉRIO BIZANTINO

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Celso Taveira.

## DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA INTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2008.

A minha família, pelo incentivo; A Tati pelo amor e pelo companheirismo; Ao Celso pela paciência e pelos ensinamentos; Aos meus amigos; A todas as pessoas que contribuíram para minha formação acadêmica e como pessoa;

### **AGRADECIMENTOS**

Esta monografía significou um grande momento de aprendizagem. Conclusão de um período de grandes transformações pessoais, que foi o da graduação. Somente a oportunidade de apresentar tal trabalho já me é gratificante. Pois, desisti do curso no primeiro período por não compreender nada do que se passava em sala de aula e se quer conseguir ficar acordado. Muitas foram as pessoas que me incentivaram a continuar e sou grato a todas elas.

Agradeço primeiramente à minha família, que me criou da melhor forma que podia e me ensinou valores que carregarei vida afora. A meus pais pelo carinho, pelos conselhos e pelas broncas. A meus irmãos Wandelan, César, Wanderley, Kelly, Luiz, Katy e Johanes pelas brincadeiras, brigas e companheirismo que me faz tão bem.

Agradeço aos meus amigos de Lagoa Santa, que de sua forma incentivaram minha formação acadêmica e me proporcionaram grandes momentos de felicidade.

Ao Gustavo Fraga, à Maria Cláudia, grandes amigos e conselheiros em minha vida moitence. Aos moradores da Zona que me acolheram; Naninha, Dani, Tom, Duda, Biagine, Diego, Rodrigão. Também a todos os amigos da república Zona.

A Mikon, Ênio, Luci, Márcia, Fabrício e Tiago, moradores da Sé que contribuíram para minha permanência na UFOP. A todos os demais amigos

desta república. Ao Antônio e a todos os amigos da Pocilga. Ao Rolo e aos demais amigos da Taqueupa. Às Moitas, sem as quais seria impossível permanecer em Mariana durante a graduação.

A todos os funcionários do ICHS sempre atenciosos e amigos. Sempre prontos a ajudar, até mesmo a colher abacate no quintal do Seminário.

Ao Marcel, amigo que possibilitou minha continuidade na UFOP após a conclusão da licenciatura. Também ao Gilson Nunes, pela credibilidade me dada para Organizar a reserva técnica do MCT/EM/UFOP, o que financiou-me durante o bacharelado. Aos demais amigos desse museu.

À Maria e ao Marcelo, proprietários da casa onde morro, pela amizade e por não terem a ganância que tanto aflige os estudantes do ICHS por terem que disputar aluguéis de casas com as mineradoras.

À Tatinha, meu grande amor que, nos quatro últimos anos e espero que pela vida toda, vem sendo minha alma gêmea, sempre companheira e amorosa. Ao Astor e a Maysa por uma certa bacachaça. A Basteth, por me emprestar sua cadeira para que eu pudesse estudar.

Finalmente a todos os meus professores, que desde o jardim de infância me esclarecem, me tornando uma pessoa menos ignorante. Em especial ao Celso Taveira, que acreditou no meu projeto e me orientou da melhor forma possível. Sempre atencioso e procurando mostrar o melhor caminho para uma boa pesquisa. À Virgínia Buarque, um anjo da guarda no ICHS. E aos dois leitores críticos deste trabalho, Fábio Faversani e Helena Mollo.

## **SUMÁRIO**

RESUMO	6
INTRODUÇÃO	
I. O QUE REPRESENTA O EUNUCO HISTORICAMENTE	
II. O EUNUCO EM BIZÂNCIO	21
II – 1. A proibição do eunuquismo durante a história romana e sua	
persistência, com gradativa influência dos eunucos na administração	
imperial bizantina	25
II – 2. O eunuco e sua influência junto ao imperador	41
II – 3. O eunuco e a Igreja	62
II – 4. Os eunucos e as instituições militares	72
CONCLUSÃO	77
FONTES	80
REFERÊNCIAS	80
BIBLIOGRAFIA GERAL	81

# LISTA DE ILUSTRAÇÕES

01. Mulher árabe com seu guardião eunuco	15
02. Representação da festa e no cortejo da elevação das preciosas	
Madeiras	22
03. Mapa do Mediterrâneo oriental século IX e X	25

### RESUMO

Esta monografia procura abordar a influência exercida pelos eunucos na administração do Império bizantino. Para tal, tenta situar primeiramente os eunucos historicamente. Depois, sua relevância junto ao imperador bizantino, na vida eclesiástica e nas funções militares. Utiliza-se de fontes bizantinas traduzidas para o inglês e para o francês que não tratam diretamente o tema, mas que não deixam de conter muitas informações sobre a participação eminente dos eunucos no cotidiano do império. Utiliza-se também autores que escreveram sobre os militares, a igreja, a administração e sobre a participação dos eunucos nesses segmentos administrativos do Império bizantino.

## **ABSTRACT**

This monograph tries to analyse the eunuchs' influence in the administration of the Byzantine Empire. For such, it tries at first to place the eunuchs historically, then, their very close relations with the Byzantine emperor and their participation in the ecclesiastical life and in the military functions. We make use of Byzantine sources translated into English and into French. They do not deal directly with our then, but they are very useful in information about the eunuchs' eminent participation in the daily life of the empire. We also use authors that write about the military history, the Church, the administration and about the eunuchs' participation in these essential aspects in the History of the Byzantine Empire.

Bizâncio era o paraíso dos eunucos.

Franco Jr. e Andrade F°

## INTRODUÇÃO

EUNUCOS foram instrumentos principais de governo imperial na maioria dos impérios clássicos do Extremo Oriente e do Oriente Próximo. Na China e em Bizâncio, como também nos impérios árabe, mesopotâmico e persa em particular, os eunucos ocuparam uma variedade de posições na corte, no governo e no exército. Na Pérsia depois de Xerxes "os eunucos adquiriram uma autoridade política vasta e pareciam ter ocupado então todos os cargos principais de estado. Eles eram os conselheiros do rei no palácio e os generais dele no campo. Eles superintenderam a educação dos príncipes jovens, e acharam fácil de torná-los suas ferramentas". Na China Ming, "departamentos inteiros de eunucos passaram a existir na corte, e estes foram utilizados logo para assuntos confidenciais do imperador fora do palácio". Eles encabeçaram exércitos e, às vezes, controlaram a burocracia, de forma que conselheiros só poderiam se comunicar com o imperador por intermedeio de eunucos. 1

"A 11 de maio de 330 era inaugurada solenemente a nova capital de Império romano. Surgia a Nova Roma." (DIEHL, 1961, p.11) Neste trabalho, pretendemos verificar a importância que tiveram os eunucos na administração do Império Bizantino que surgiu a partir da transferência da Capital do Império Romano. O interesse pelo assunto começou durante a escolha do tema para o trabalho final da disciplina Seminário de História Antiga e Medieval XII (Introdução À História Bizantina, HIS. 522), ministrada pelo professor Dr. Celso Taveira, do Departamento de História, da Universidade Federal de Ouro Preto. Anteriormente minha idéia sobre os eunucos se restringia ao papel desempenhado por eles como guardas de harém² no Oriente. Quando constatei

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> "EUNUCHS have been major instruments of imperial rule in most of the classical empires of the Far East and the Near East. In China and Byzantium, as well as in the Arab, Mesopotamian and Persian empires in particular, eunuchs held a variety of positions at the court, in government and in the army. In Persia after Xerxes "the eunuchs acquired a vast political authority and appeared then to have filled all the chief offices of state. They were the king's advisors in the palace, and his generals in the field. They superintended the education of the young princes, and found it easy to make them their tools." 1 In Ming China, "whole departments of eunuchs came into existence at court, and these were soon made use of for confidential business of the emperor's outside the palace." 2 They headed armies and, at times, controlled the bureaucracy, so that counselors could communicate with the emperor only through the intermediary of eunuchs." (COSER, Lewis A. "The Political Functions of Eunuchism". In: *American Sociological Review*, Vol. 29, No. 6, (Dec., 1964), pp. 880-885: American Sociological Association. Retirado de: http://www.jstor.org/stable/2090872 (25/04/2008 15:09, Tradução do autor, doravante COSER, 2008)

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> "Harém: parte do palácio do sultão muçulmano onde estão as odaliscas; conjunto das odaliscas de um harém; parte da casa muçulmana destinada à habitação das mulheres." (DICIONÁRIO AURÉLIO,

ao ler *O Império Bizantino*, de Hilário Franco Jr. e Rui de Oliveira Andrade F°, que os eunucos desempenharam importante papel administrativo em Bizâncio, quis saber mais sobre o assunto e, com a orientação do professor Celso Taveira, começamos a pesquisa inicial, sobretudo em enciclopédias. Depois a pesquisa estendeu-se a fontes e manuais dedicados à administração bizantina, além de levantamentos pela internet.

Utilizamos fontes traduzidas para o inglês mas que não tratam especificamente do nosso tema, o que constitui para nós uma dificuldade suplementar no levantamento de dados sobre o mesmo.

A pesquisa sobre o tema é intricada, pois, apesar da constante afirmação nos autores consultados quanto à importância dos eunucos em Bizâncio, quase não nos deparamos com obras dedicadas especificamente ao assunto. Encontramos sobre os eunucos menções esparsas nos manuais e nas fontes, sempre registrando uma relevância nos cargos desempenhados por eles na administração e sugerindo seu papel primordial. A nosso ver isso entra em contradição com a dificuldade que temos em encontrar estudos específicos, mesmo em línguas estrangeiras como inglês e francês. Os textos onde encontramos uma maior abordagem sobre o tema são É*tudes Byzantines*, de Rodolphe Guilland, v. I (1943), II (1944), III (1945), que nas páginas 197-238, dedica um capítulo ao assunto: "Les Eunuques dans I'Empire Byzantin: Etude de titulature et de prosopographie byzantines", citado por Gérard Walter em *A Vida Quotidiana em Bizâncio no Século dos Comnenos* e também "The

<sup>1987</sup> p. 628)

Political Functions of Eunuchism" de Lewis A. Coser, ambos retirados da internet.<sup>3</sup> Encontramos também *Byzantine Eunuchs: an Overview, with Special Reference to their Creation and Origin,* de Shaun F. Tougher. Apesar de, no título do capítulo, Guilland usar a palavra prosopografia, ele afirma que a informação que dará sobre as pessoas será apenas sumária, pois as notas completas iriam aparecer no *Byzantine Prosopography*, de R. P. V. LAURENT, ao qual não tivemos acesso.

Guilland foi o único autor encontrado que discorre sobre os eunucos ao longo de todo o império e enfocando a trajetória dos indivíduos. Além do Walter, vários dos autores consultados como, por exemplo, Ostrogorsky, Tougheer, Coser e o próprio dicionário O. D. B. o utilizam como referência. Por isso ele acaba também sendo bastante utilizado neste trabalho.

Pretendemos verificar como se organizavam as funções do eunuco na organização administrativa bizantina. Entendemos que para isso seria necessário verificar também o funcionamento da máquina burocrática deste Estado. O *The Oxford Dictionary of Byzantium* afirma que vários patriarcas eram eunucos e cita nomes: Germanos I, Methodios, Ignatios e Eustratios Garibas. Entre os militares cita Narses, general de Justiniano, e entre civis

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup>WALTER, Gérard. *A Vida Quotidiana em Bizâncio no Século dos Comenos (1081-1180)*. Tradução de João Pedro de Andrade. Lisboa: Libraire Hachete, [19--]. p.70 : GUILLAND, Rodolphe. Les Eunuques dans l'Empire Byzantin, em Études byzantines, I (1943), II (1944), III (1945). Na Internet: well.Com/user/aquarius/guilland-eunuques 5/3/2007.

Titulatura: O 1º capítulo da tese *O Modelo Político da Autocracia Bizantina: fundamentos ideológicos e significado histórico*, de Celso Taveira, que é intitulado "Titulatura" se restringe à discussão sobre os títulos dos imperadores. Quanto ao texto de Guilland, podemos afirmar que titulatura, no caso dos eunucos, refere-se à discussão sobre os vários cargos honoríficos atribuídos a estes.

Prosopografía: uma disciplina auxiliar dedicada ao estudo de nomes individuais e de famílias em dado período histórico.

<sup>(</sup>The Oxford Dictionary of Byzantium. New York, Oxford: 1991. p. 1739. doravante O. D. B)

ocupando cargos públicos Eutropios, Samonas, Joseph Bringas, Basil Lekapenos e John the Orphanotropos (cf. O. D. B., 1991, p. 747).

Entendemos também que nos será necessário desenvolver um estudo da prosopografia unida ao estudo da titulatura. Um exemplo da necessidade disso podemos encontrar nas seguintes afirmações de Guilland:

Sob Justiniano I, o eminente eunuco Narses, originalmente da Armenia, parece ter sido o tesoureiro imperial no início de sua carreira... Um simples *cubicularius*<sup>4</sup> no início..., Narses contribuiu à supressão da rebelião de Nika em 532; era o *cubicularius* e o *spatharius*<sup>5</sup>... Em 538, Narses foi colocado no comando para ajudar Belizarius que estava lutando na Itália... De retorno a Bizâncio Narses prestou vários serviços a Justiniano I; foi provavelmente nesse tempo que foi escolhido praepositus. Em 550, Narses foi apontado para o comando das tropas expedicionárias enviadas à Itália. Velho, tinha 75 anos e conseguiu uma conclusão vitoriosa na guerra contra os Godos. Como recompensa Narses recebeu o título de patrício... Em uma inscrição... Narses chama-se a si mesmo: [...] o homem mais glorioso (o macho), o primeiro praepositus do palácio sagrado, primeiro cônsul e patrício. O oficio de cônsul foi abolido em 541. Além disso, como um eunuco. Narses não poderia ter sido elevado a essa posição... Narses morreu em torno de 568, no reino de Justino II... Os historiadores têm misturado às vezes sobre as várias pessoas chamadas Narses. Havia três Narses: Narses o eunuco eminente que viveu sob Justiniano I; Narses o irmão de Aratius e de Isakes, originalmente de Armênia... que foi morto em uma batalha contra os persas...: este Narses não era eunuco. Finalmente um terceiro Narses, esse foi queimado vivo sob Focas, Nenhum historiador menciona que o último Narses era um eunuco, contudo, os títulos de cubicularius e de praepositus são significativos o bastante para confirmar isto.<sup>6</sup>

Vejamos também o caso do João Orfanotropo que podemos verificar na importante obra de Georg Ostrogorsky o pepel desse personagem:

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Cubicularius: responsável pelos aposentos pessoais do imperador.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Um título Honorífico, uma dignidade. (MATINDALE, 2001)

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> "Under Justinian I, the celebrated eunuch Narses, originally from Armenia, seems to rave been the imperial treasurer at the start of this career... A simple cubicularius at first..., Narses contributed to the suppression of the Nika rebellion in 532; he was the cubicularius and the spatharius... In 538, Narses was placed at the head of an army sent to support Belisarius who was fighting in Italy... Recalled to Byzantium, Narses rendered various services to Justinian I; it was probably at this time that he was appointed praepositus. In 550, Narses was appointed to take command of the expeditionary troops sent to Italy. He was 75 years old he brought the war against the Goths to a victorious conclusion... As a reward, Narses received the of patrician... In inscription..., Narses calls himself: vir gloriosissimus, ex preposito sacri palatii, ex consule atque patrcius [a most glorious man (le. Male), former praepositus sacri palatii, former consul and patrician]. The office of consul had been abolished in 541. Moreover, as a eunuch, Narses could not have raised to that position... Narses died around 568, in the reign of Justin II... Historians have sometimes mixed up the various persons called Narses. There were three Narses: Narses the celebrated eunuch who lived under Justinian I, Narses the brother of Arantius and Isakes, originally from Armenia... who was Killed in a battle against the Persians...: this Narses was not a eunuch. Finally, a third Narses, the one who was burned alive under Phocas. None of the historians mentions that the latter Narses was a eunuch; nonetheless, the titles of cubicularius and praepositus are meaningful enough to confirm this" (GUILLAND, 2007. Tradução do autor).

Entre o imperador Romano e a imperatriz Zoe existiram diferenças grofundas durante anos, já que qualquer interesse de Romano Argyros tinha podido sentir pela imperatriz já não muito formosa tinha desaparecido depois de sua aquisição da coroa imperial. Ele começou a deixar de se preocupar com ela e até mesmo a restringir seus meios econômicos. Porém, os desejos para viver da mulher madura que começou a saborear os prazeres da vida mundana não permitiam limitações. Os olhos dela recaíram sobre o jovem Miguel, um filho de camponês da Paflagônia, ao que o seu irmão, o influente eunuco João Orphanotropos, tinha introduzido no gineceo do palácio imperial. João Orphanotropos, um homem muito capaz mas destituído completamente de escrúpulos, foi o verdadeiro e o oculto instigator da intriga. Porque ele mesmo não era capaz de, na sua qualidade de castrado e monge, aspirar à coroa imperial, tentou facilitar isto ao seu irmão. Zoe se apaixonou pelo menino bonito com toda a veemência de uma paixão outonal, e eis que Romano III morria a 11de abril 1034, no banho. Naquela mesma noite a imperatriz se casava com seu jovem amante, que ascendeu ao trono com o nome de Miguel IV (1034-1041).

Através da análise da trajetória de casos como esses, procuraremos destacar o papel do eunuco e seu significado na administração do Império a fim de verificarmos qual foi realmente a relevâcia deles nesse contexto. Ou seja, a nosso ver o estudo do papel do eunuco, além de contribuir para um tema pouco pesquisado no país, nos possibilitará a oportunidade de verificar como funcionava a vasta máquina administrativa do Estado bizantino.

A importância do estudo do Estado bizantino e de sua máquina administrativa se explica por três grandes motivos. Este foi o modelo de Estado mais aperfeiçoado que a Idade Média conheceu, foi um Império medieval muito mais consistente do que o Sacro Império Romano-Germânico e foi a continuidade do poderoso Império Romano da Antigüidade que se

Ostrogorsky se baseia no JANIN. *Um ministre byzantin, Jean l'Orphanotrophe, em Echos d'Orient*, 30 (1929), p. 431 y ss. Texto ao qual também não tivemos acesso.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> "Entre el emperador Romano y la emperatriz Zoe existían desde hacía años profundas diferencias, ya que cualquier interés de Romano Argyros hubiera podido sentir por la ya poco lozana emperatriz había desaparecido después de su adquisición de la corona imperial. Empezó a despreocuparse de ella e incluso a restringirle sus medios económicos. Los deseos de vivir, sin embargo, de la ya madura mujer que empezaba a paladear los placeres de la vida mundana no permitían limitaciones. Sus ojos recayeron sobre el joven Miguel, hijo de un campesino de Paflagonia, al que su hermano, el influyente eunuco Juan Orphanotropos, había introducido en el gineceo del palacio imperial. Juan Orphanotropos, hombre muy capaz pero carente por completo de escrúpulos, fue el verdadero y oculto instigador de la intriga. Debido a que él mismo no podía, en su calidad de eunuco y monje, aspirar a la corona imperial procuró facilitársela a su hermano, Zoe se enamoró del bello muchacho con toda la vehemencia de una pasión otoñal, y he aquí que Romano III moría el 11 de abril de 1034 en el baño. Esa misma noche la emperatriz se casó con su joven amante y éste ascendió al trono con el nombre de Miguel IV (1034-1041)." (Ostrogorsky, 1983, p. 320)

prolongou até o limiar da época moderna.

A palavra Estado quase parece uma anomalia histórica do mundo medieval. E, contudo, Bizâncio – única na Idade Média cristã – soube manter um sistema político baseado numa classe institucional de profissionais pagos que por sua vez estruturou e definiu a aristocracia bizantina até ao século XII. (McCORMICK, 1998, p.227)

Além disso, a relevância de nossa pesquisa se deve ao fato de que existem poucos estudos que se propuseram investigar amplamente a organização administrativa bizantina enfatizando o papel dos eunucos. Estes, como já afirmamos anteriormente, desempenharam um papel fundamental na administração do Império Bizantino. Apesar disso, suas funções e sua situação social não são bem esclarecidas, havendo grande dificuldade para a obtenção de textos referentes ao assunto.

Nosso tema é polêmico e contraditório, pois a castração foi proibida pela legislação e pela Igreja, mas ao mesmo tempo nossas leituras sugerem que os eunucos tiveram participação primordial no exército, na administração e até mesmo na Igreja. Exemplos disso são freqüentes na bibliografia consultada. Por exemplo, Franco Jr. e Andrade F° afirmam que "Bizâncio era o paraíso dos eunucos" (FRANCO Jr. e ANDRADE F°, 1985, p. 69) e Guilland afirma que "Como anjos cercaram o Imperador, que era o representante de Deus aqui na terra (...) Em Bizâncio, os eunucos representaram o poder celestial na terra". Já Coser afirma o "fato surpreendente que aparentemente homens que são menos que os homens

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> "Like angels they surrounded the ruler, who was the representative of God here below... In Byzantium, the eunuch represented a celestial power on earth". (GUILLAND, 2007. Tradução do autor).

executaram funções políticas essencialmente semelhantes em uma variedade de regiões culturalmente diferentes" (COSER, 2008). Guilland afirma enfaticamente que no Império Romano do Oriente, os eunucos desempenharam papel significativo com as posições elevadas que ocuparam na igreja, no exército e na hierarquia civil. Assim, cabe perguntar: se os eunucos foram tão importantes, por que são tão escassos os estudos sobre eles?

No Brasil, o estudo do Oriente é pouco difundido e as fontes são escassas. Nosso trabalho poderá servir para algum esclarecimento de leitores interessados nesse aspecto do estudo de Bizâncio.

Deixamos de lado o estudo do declínio do eunuquismo a partir do século XIII, que indubitavelmente estaria ligado ao declínio do próprio Império, muito embora os autores consultados em nenhum momento afirmem isto, preferindo atribuir como causa do declínio à influência latina ou o reforço dos laços de parentesco como princípio organizativo da política administrativa a partir do século XII.

# I. O QUE REPRESENTA O EUNUCO HISTORICAMENTE



Figura 1

Mulher árabe com seu guardião eunuco (Espasa Calpe, 1924, p. 1346)

A definição de eunuco da 23ª edição do *Dicionário da Língua Portuguesa*, organizado por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, é a seguinte: "homem castrado; guarda dos haréns orientais (fig.) homem impotente." Porém, segundo a *Enciclopédia Universal Ilustrada Espasa* 

Calpe, a definição de todo eunuco como sendo um homem castrado é relativamente moderna. Segundo a mesma, o termo procede do grego "Eunouchos; de euné, lecho, y echein, tener, guardar." (1924, p. 1346) Já no Diccionario Enciclopedico U. T. M. A a etimologia é a seguinte: "(do lat. eunúchu, e do gr. eunoúchos)" (1951, p. 1072). E a Everyman's Encyclopedia afirma que, etimologicamente, o termo se refere a um homem encarregado dos apartamentos de mulheres, porém aplicado particularmente a uma pessoa que foi castrada para servir como criado em um harém. (1949-50, p. 451)

Mas cumpre ressaltar que o termo não significa necessariamente a castração do sujeito como caráter distintivo do cargo de ajuda na câmara real ou chefe de dormitório real. "El atribuir á todo aquel á quien la historia llama eunuco la castración como cualidad inseparable del cargo es un abuso de origen relativamente moderno" (Espasa Calpe,1924, p. 1346). A Enciclopedia Cattolica afirma que o termo eunuco foi usado erroneamente para indicar certa ocupação. (1950, p. 810)

En algunos países en que dominaba la monogamia, se introdujo por la influencia de la voluptuosidad asiática, como en Roma durante los últimos emperadores y en el Imperio Bizantino. En este, así como en China, Persia, India y Egipto, muchos eunucos llegaron a desempeñar altos cargos y jugaron un papel político de gran importancia. (*U.T. E. H. A.*, 1951. p. 1072)

Lewis A. Coser, apesar de dizer que o eunuquismo tenha se originado da necessidade dos donos de grandes haréns em ter guardas seguros que não caíssem em tentação e pudessem chefiá-los, corrobora a idéia de que nem todo eunuco era castrado. Afirma o seguinte:

[...] o emprego de eunucos em altas posições era tão freqüente em algumas monarquias do Oriente Próximo que o termo castrado às vezes, como em hebreu, por exemplo, perdeu seu significado original e era usado como um sinônimo para funcionário da corte ou ministro, independentemente desses homens serem verdadeiros eunucos ou não.<sup>9</sup>

Segundo a *Encyclopedia e Dicionario Internacional* (E. D. I., [19--?], v. VIII, p. 4415), o fanatismo, a ignorância e o ciúme levaram os humanos, muitas vezes, a mutilar-se a si próprio ou aos seus semelhantes. Casos de fanatismo interessantes são, por exemplo, o dos sacerdotes de Cibele<sup>10</sup> (deusa cujo culto originou-se na Ásia Menor) e o caso polêmico de Orígenes: "En los primeros siglos del cristianismo, hubo quienes se castraron para evitar la tentación sexual; por ejemplo, Orígenes." (*U.T. E. H. A.*, 1951. p. 1072). Orígenes e outros cristãos se castravam para se conservar castos. "Os imitadores de Orígenes foram tão numerosos que o concílio de Nicéia (787) interveio e interditou aos eunucos o acesso ao sacerdócio".

Já os sacerdotes de Cibele acreditavam que Attis, colateral masculino da deusa, praticara a auto castração. Segundo Rosane Volpatto, o templo de Cibele, em Roma, foi transformado pela Igreja Católica na atual Basílica de São Pedro, no século IV, quando uma seita de cristãos montanheses que a

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> In fact, employment of eunuchs in top positions was so frequent in some Near-Eastern monarchies that the term eunuch sometimes, as in Hebrew, for example, lost its original meaning and was used as a synonym for court official or minister, regardless of whether these men were true eunuchs or not. (COSER, 2008.)

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Cibele A Magna Mater da frigia. Na origem foi provavelmente uma deusa da montanha servida por anões. Do Monte Ida ela recebeu o epíteto de Idaea Mater e, no mito, figura também como \*Agdistis. Seu culto difundiu-se para longe através do Mar Egeu, e ela própria foi identificada às deusas-mães dos gregos, \*Deméter e \*Réia. Em 205/204 a.C, a pedra preta consagrada a ela foi trazida de Pessinus, na Frigia, para Roma. Na arte, ela é mostrada em uma carruagem puxada por leões e panteras. Seus atributos são um espelho e uma romã e, com frequência, uma chave. Como deidade protetora de cidades, tem o direito de usar uma coroa com uma torre ameada. É acompanhada por um séquito demoníaco de \*Coribantes que dançam freneticamente. Cibele era venerada como rainha da natureza e da fertilidade; seus sacerdotes eram os eunucos Galloi. Seu próprio culto estava associado ao de seu amante \*Átis. Os fiéis acreditavam que, através de seus mistérios, alcançariam um renascimento para uma nova vida. (LURKER, 1993, p. 48-9. Ver também GUIMARÃES, 1982, p. 104)

venerava foi declarada herética, sendo abolida e seus seguidores queimados vivos (VOLPATTO, 2008).

A E. D. I cita ainda seitas existentes na Idade Média, como a do Filosofo Valesio e dos seus seguidores conhecidos como valesianos, sectários fanáticos que impunham tal mutilação a seus adeptos. Em tempos modernos, o Dic. Enc. *U. T. E. H. A.* e a E. D. I afirmam que foi praticada também a castração de jovens, principalmente na Itália, durante muito tempo, para permanecer os cantores com a voz de soprano, sendo famoso na história política da Espanha o caso do cantor Farinelli<sup>11</sup> e sendo tal prática abolida por Leo XIII. (*U.T. E. H. A.*, 1951. p. 1072 e E. D. I., [19--?], v. VIII, p. 4415)). A *Encyclopedia Americana* data tal proibição de 1878. E a *Everyman's* afirma que foram empregados nos séculos XVII e XVIII homens castrados em coros de igreja, embora não explicando em qual região. (*Everyman's* , 1949-50, p. 451)

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> FARINELLI (1705-1782), de quem real nome era CARLO BROSCHI, um dos cantores homens mais extraordinários com vos de soprano que sempre viveram, nasceu em Jan. 24, 1705, em Nápoles. Ele era o sobrinho de Cristiano Farinelli, o compositor e violinista cujo nome que ele levou. [...] Ele visitou Londres em 1734. [...] Tendo passado três anos na Inglaterra, Farinelli partiu para a Espanha [...] Na Espanha onde ele pretendia ficar só alguns meses, ele terminou passando quase 25 anos. Sua voz, empregada pela rainha para curar Philip V de sua loucura melancólica, adquiriu para ele uma influência com aquele príncipe que lhe deu eventualmente o poder, se não o nome, de primeiroministro. Este poder, ele era sábio e modesto bastante para usar discretamente. Durante dez anos, noite depois de noite, ele teve que cantar ao rei as mesmas quatro canções, e nunca qualquer outra coisa. Sob Ferdinand VI, ele ocupou um cargo semelhante e foi condecorado (1750) com a cruz de Calatrava [...] Ele morreu na Bolonha no dia 15 de julho de 1782.

FARINELLI (1705-1782), whose real name was Carlo Broschi, one of the most extraordinary male soprano singers that ever lived, was born on Jan. 24, 1705, at Naples. He was the nephew of Cristiano Farinelli, the composer and violinist, whose name he took. He visited London in 1734. Having spent three years in England, Farinelli set out for Spain [...] In Spain, where he had meant to stay only a few months, he ended by passing nearly 25 years. His voice, employed by the queen to cure Philip V of his melancholy madness, acquired for him an influence with that prince which gave him eventually the power, if not the name, of prime minister. This power he was wise and modest enough to use discreetly. For ten years, night after night, he had to sing to the king the same four songs, and never anything else. Under Ferdinand VI he held a similar position, and was decorated (1750) with the cross of Calatrava. [...] He died at Bologna on July 15, 1782. (*Enciclopédia Britânica*,---, p. 77-78)

Segundo a Enc. *Espasa Calpe*, o aparecimento primitivo dos eunucos é atribuído à Mesopotâmia. O *Diccionário U. T. E. H. A.* diz que o hábito de usar os eunucos como guardiões das mulheres é uma conseqüência da poligamia, e parece que teve sua origem na Líbia. A *Everyman's*, diz que o costume bárbaro da castração foi praticado provavelmente mais cedo na África, mas também era um costume entre os Romanos. (*Everyman's*, 1949-50, p. 451). Já a *Encyclopedia Americana* afirma que Eunuquismo é de origem pré-histórica e prevaleceu entre todas as nações e povos Orientais e entre aqueles do Ocidente que estiveram sujeitos às influências orientais. (*Encyclopedia Americana* 1950, p. 575). Percebemos assim uma grande confusão no que se refere às origens dos eunucos.

O certo é que acreditamos haver consenso quando à presença de eunucos em todo o Oriente e principalmente na Assíria, Israel, Pérsia, Grécia, Líbia, Egito, Etiópia e Índia. Eles foram considerados pragas morais nas cortes de Imperadores Romanos como, por exemplo, Gordiano III (225-244) e Constâncio II (337-361). Numa grande parte do mundo muçulmano eram considerados pragas sociais, mas isto não impedia a preferência dos maometanos pelos escravos castrados. "No obstante los consejos de Mahoma, em los países musulmanes son muy apreciados los esclavos que han sufrido esta operación [...] esta apreciación es la causa de la persitencia de esta plaga social em una gran parte del mundo musulmán." (*Espasa Calpe*, 1924, p. 1347)

Na lei bizantina, existiam dois tipos de eunucos: os *ektominai* ou *ektomoi*, que significa castrados (cuja operação cirúrgica tinha removido todos os meios de procriação) e os *thadiai* ou *spadones*, portadores de um defeito físico ou de uma doença que lhes tenham tornado impotentes. Aos primeiros era permitido fazerem adoções e aos segundos era negado pois uma impossibilidade causada a estes pela natureza não poderia ser compensada pela lei, enquanto que àqueles o direito à paternidade foi retirado pela ação humana e deveria ser reestabelecido (GUILLAND, 2007).

Finalizando este capítulo queremos fazer duas citações que demonstram a dificuldade de consenso entre os estudiosos sobre o eunuco. Apesar de ambas as citações trazerem nomes de eunucos proeminentes, uma afirma deficiência e a outra enaltece o sucesso dos eunucos:

1-Conquanto os eunucos sejam, geralmente degradados no físico como no moral a história registra honrosas exceções: Favorino, o filósofo amigo de Plutarco; Aristonico, general dos Ptolomeus; Bogoas, que foi na Pérsia um fazedor de reis; Phontius, ministro de Ptolomeu; Eutropio, ministro de Arcádio, Narses, lugar-tenente de Justiniano; e, no século XV, Ali, logar-tenente de Solimão; Abeilard; etc. (E. D. I., p. 4416)

2-A História refuta a idéia geral de que eunucos são deficientes em coragem e inteligência. Na Pérsia, Índia, China, e durante os últimos dias do Império Romano, eles ocuparam freqüentemente, com grande sucesso, importantes posições militares e civis. Nos tempos modernos eunuquismo é praticado extensivamente só em países muçulmanos e igualmente lá está gradualmente perdendo terreno. 12

## II. O EUNUCO EM BIZÂNCIO

Queremos introduzir este capítulo reportando-nos ao grande tratado do

1

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> History refutes the general idea that eunuchs are deficient in courage and intelligence. In Persia, India, China, and during the later days of the Roman Empire, they frequently occupied, with great success, important military and civil positions. In modern times eunuchism is practiced extensively only in Moslem countries and even there it is gradually losing ground. *The Encyclopedia Americana*. Nova Iorque e Chicago: Americana Corporation, 1950. p. 575 (Tradução do autor)

imperador Constantino VII Porfirogênito (*De Cerinoniis*) que trata dos inúmeros cerimoniais que cercavam ávida dos imperadores. O tratado tem como título: "Constantino o amigo de Cristo Basileus eterno, Basileus filho de Leão, o muito sábio Basileus, de eterna memória, tratado e obra verdadeiramente digna da atividade imperial." <sup>13</sup>

O imperador inicia o proêmio chamando a atenção para a motivação que o levou a elaborar o tratado.

Alguns, que não têm grande preocupação pelas coisas necessárias, poderão talvez estimar supérfluo a presente empreitada. Para nós, pelo contrário, esse trabalho é muito apreciado, nos parece digno de todos os nossos cuidados e é para nós mais pessoal do que qualquer outra coisa pois, graças à sua ordem louvável, o poder imperial aparece mais majestoso, acrescido em prestígio e, por isso mesmo, faz a admiração dos estrangeiros e de nossos próprios súditos". 14

## Ao final do proêmio o imperador afirma o seguinte:

Desta maneira, possa o poder imperial, se exercendo com ordem e medida, reproduzir o movimento harmonioso que o Criador dá a todo este Universo e o parecer aos nossos súditos mais majestoso e, por isso mesmo, mais agradável e mais admirável. É necessário, pois, falar de cada cerimônia para dizer como e segundo quais regras se deve executá-las.

É justamente a notável contribuição do eunuco para a manutenção milenar desta "Ordem louvável" (epainetes Táxeos) que queremos registrar em nosso trabalho.

No capítulo 31 do livro I, intitulado "Aquilo que se deve observar na festa e no cortejo da elevação das preciosas Madeiras", encontramos a

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Preferimos seguir ao pé da letra o título original. A tradução francesa é a seguinte. "Traité et œuvre vraiment digne de l'activité impériale de Constantin ami du Christ et dans le Christ, Roi Éternel, Empereur, fils de Léon, le très sage Empereur, d'éternelle mémoire.

D'aucuns, qui n'ont pas grand souci des choses nécessaires, pourront, peut-être, estimer superflue la présente entreprise. Pour nous, au contraire, ce travail nous est très cher, nous paraît digne de tous nos soins et, à nous plus personnel que toute autre chose, puisque, grâce à un ordre louable, le pouvoir impérial apparaît plus majestueux, grandit en prestige et, par là même, fait l'admiration et des étrangers et de nos propres sujets ( *De Cerimoniis*, 1967, p.1. Tradução do orientador).

### seguinte passagem:

O imperador ordena em seguida ao prepósito chamar o patriarca. Este último, após se assentar alguns instantes com o imperador, sai e se dirige ao pequeno *secreton* onde estão guardadas as preciosas Madeiras e lá espera o imperador. [...] Tendo entrado no santuário e tendo venerado as preciosas Madeiras, ele sai e, tendo repassado pela *solea*, sobe sobre o terceiro ou o quarto degrau do púlpito e se coloca lá, tendo seu círio. Os dignitários da câmara se colocam na solea diante do imperador, os eunucos protospatários do lado esquerdo do púlpito, sobre o banco, e os manglavitas atrás dos eunucos protospatários, igualmente do lado esquerdo do púlpito, para impedir que alguém passe diante do imperador. <sup>15</sup>

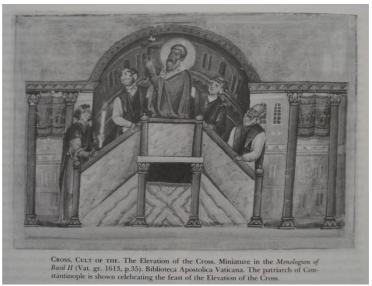


Figura 2

Representação da festa e no cortejo da elevação das preciosas Madeiras; uma das doze Grandes Festas do ano litúrgico bizantino, comemorada todo dia quatorze de setembro, celebrada em Constantinopla, ocasião em que a Cruz ficava exposta em veneração por quatro dias. Era o símbolo triunfante da vitória de Cristo sobre a morte.

Citamos também outro fragmento do tratado *De Ceremoniis* de Constantino Porfirogênito (912-959) sobre o cotidiano do imperador, onde os eunucos têm participação eminente:

L'empereur ordonne ensuite au préposite d'appeler le patriarche. Ge dernier, après s'être assis quelques instants avec l'empereur, sort et s'en va dans le petit secreton où sont déposés les précieux [...]Étant entré dans le sanctuaire et ayant vénéré les précieux Bois, il sort, puis, étant repassé par la soléa, il monte sur la troisième ou quatrième marche de l'ambon et se place là, tenant son cierge. Les dignitaires de la chambre se placent dans la soléa en face de l'empereur, les eunuques protospathaires du côté gauche de l'ambon, sur un banc, et les manglavites derrière les eunuques protospathaires, également du côté gauche de l'ambon, pour empêcher qui que ce soit de passer devant l'empereur ( Le Livre des Cérémonies, 1967, p. 116-117).

SOLEA: plataforma elevada do santuário (no caso a Grande Igreja de S. S.) situada no Bema, a área contendo o altar. Simbologicamente pode representar o rio de fogo separando os pecadores dos justos. SEKRETON (lat. *Secretarium* no século IV) escritório ou departamento. No Livro de Cerimônias pode também designar o corpo inteiro dos altos oficiais.

CAP. I - O QUE É NECESSÁRIO OBSERVAR QUANDO DA PROCISSÃO À GRANDE IGREJA\*¹6, ISTO É, ORDEM\*¹ E CERIMONIAL DAS INSÍGNIAS E ILUSTRES CORTEJOS ATRAVÉS DOS QUAIS OS IMPERADORES SE DIRIGEM À GRANDE IGREJA.

À véspera de toda festa solene os prepósitos\*² se dirigem ao Chysotriclinos, à hora habitual do cortejo cotidiano, e fazem lembrar aos imperadores a solenidade. Os soberanos lhes ordenam então de organizar, no dia seguinte, uma procissão, ou seja um cortejo. Os prepósitos, tendo saído, dão suas ordens a todo o pessoal da câmara (*Kouboúkleion*) e, da mesma forma, ao catepã e ao doméstico dos oficiais de guarda do palácio (*ton basilikon*) e aos dois demarcas. Eles enviam instruções ao doméstico dos Nouméri, ao conde dos muros e, em uma palavra, avisam do cortejo todas as ordens de dignitários e de escritórios de maneira que cada ordem e cada escritório, segundo seu cargo e seu próprio protocolo, tomem suas disposições [...]<sup>17</sup>

Citamos também este trecho de Runciman porque ele sintetiza eficazmente as discussões presentes neste trabalho acerca da influência dos eunucos no mundo bizantino:

Para que um rapaz tivesse realmente êxito poderia ser sensato mandar castrá-lo, porque Bizâncio era o paraíso dos eunucos. Mesmo os pais mais nobres não hesitavam em mutilar seus filhos para promover o seu progresso, nem havia nisso nenhuma desgraça. Um eunuco não podia usar a coroa imperial nem tampouco, por sua natureza, transmitir direitos hereditários e nisso residia seu poder. Um menino nascido muito perto do trono podia ser, assim, afastado da sucessão, seguir tranquilo, atingindo altas posições. Assim Nicetas, filho de Miguel I, foi castrado quando seu pai caiu e mais tarde, apesar do seu nascimento perigoso, chegou a ser o Patriarca Inácio. Romano I castrou não apenas seu filho bastardo Basílio, que, como Paracomomeno, o Grande Camareiro, dirigiu o império durante várias décadas, mas também seu filho legítimo mais moço, Teofilacto, que ele desejava viesse a ser patriarca. Grande proporção dos patriarcas de Constantinopla era de eunucos, e os eunucos

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> \*Megále Eklesía. A igreja de Santa Sofia (*De Ceremoniis*, 1967, p.116-117).

<sup>\*</sup>¹ Táxis. Reflete a obsessão bizantina pela necessidade da manutenção da ordem tal como estabelecida por Deus. Tem participação importante no caráter conservador da civilização bizantina. \*² Praipositói.

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> CE QU'IL FAUT OBSERVER LORS DE LA PROCESSION A LA GRANDE ÉGLISE, C'EST-A-DIRE ORDRE ET CÉRÉMONIAL DES INSIGNES ET ILLUSTRES CORTÈGES EN LESQUELS LES EMPEREURS SE RENDENT A LA GRANDE ÉGLISE.

La veille de toute fête solennelle, les préposites se rendent au Chrysotriclinos, à l'heure habituelle du cortège quotidien, et rappellent aux souverains la solennité. Les souverains leur ordonnent alors d'organiser, le lendemain, une procession, soit un cortège. Les préposites, étant sortis, donnent leurs ordres à tout le personnel de la chambre (*Kouboúkleion*) et, de même au catépan et au domestique des officiers de garde au palais (*ton basilikon*) et aux deux démarques. Ils envoient des instructions au domestique des Nouméri, au comte des murs et, en un mot, avertissent du cortège tous les ordres de dignitaires et les bureaux de façon que chaque ordre et chaque bureau, selon son rang et son propre protocole, prenne ses dispositions[...] (*DE CERIMONIIS*, 1967, p.2. Tradução do Orientador)

recebiam estímulos especiais no serviço civil, onde um portador castrado de um título tinha precedência sobre o competidor não-mutilado e onde muitas carreiras eram reservadas apenas aos eunucos. Mesmo no exército e na marinha o eunuco ocupava frequentemente um comando. Narses, no século VI, e Nicéforo Urano, no X, foram talvez os exemplos mais brilhantes. Aleixo I tinha um eunuco por almirante, Eustátio Cimineano, e após o desastre de Manziquerte foi um ennuco, Nicéforo, o Logóteta, que conseguiu reformar o exército. Uns poucos postos, tais como a prefeitura da cidade, lhes eram tradicionalmente vedados; entretanto, somente quando as noções ocidentais de sexo e cavalaria começaram a influenciar Bizâncio foi que se começou a estigmatizar a castração. Na realidade, foi o emprego de eunucos, de uma forte burocracia controlada por eunucos, a grande arma de Bizâncio contra a tendência feudal da concentração do poder nas mãos de uma nobreza hereditária, que provocou tantas perturbações no Ocidente. A significação dos eunucos na vida bizantina era a de que davam ao imperador uma classe dirigente na qual ele podia confiar. Não há tampouco nenhuma evidência de que suas limitações físicas deformassem seu caráter. Através da história bizantina, os eunucos não parecem mais corruptos nem intrigantes, nem menos vigorosos ou patriotas do que seus companheiros mais completos.

Nas classes inferiores, os eunucos eram mais raros, embora pudesse ser de utilidade para a clientela de um médico o fato de ser ele castrado, como neste caso poderia atender os conventos e hospitais de mulheres. Algumas instituições femininas porém eram tão estritas que só permitiam médicas (RUNCIMAN, 1977, p.158-9).

Já em Guilland podemos perceber a relevância desempenhada pelos eunucos na simbologia imperial:

Finalmente, eunucos desempenharam um papel significativo no cerimonial da corte bizantina. Como anjos eles cercavam o governante, que era o representante de Deus aqui embaixo. Como um serafim, eles se aproximavam do governante enquanto cobriam suas faces nas suas mangas brancas. Eles traziam visitas que foram recebidas para audiências com o governante, enquanto os seguravam por baixo dos ombros como anjos os sustentado com suas asas. Eunucos apresentavam a insígnia da coroação ao governante: eles conduziram o governante após o seu retorno de uma guerra vitoriosa a uma capela da Virgem, e após ter removido a sua armadura e espada, eles o transformaram de um príncipe guerreiro em um príncipe Cristão. Finalmente os eunucos, como um manto vivo de anjos, acompanharam o governante ao banho sagrado do Blakhernes, fonte da Mãe de Deus, na qual ele se submergia para ser renascido. Em Bizâncio, os eunucos representaram um poder celestial na terra. 18

<sup>1</sup> 

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> "Finally, eunuchs played a significant role in the ceremonial of the Byzantine court. Like angels they surrounded the ruler, who was the representative of God here below. Like seraphim, they approached the ruler while covering their faces in their white sleeves. They brought in visitors who were received for audiences with the ruler, while holding them under the shoulders like angels holding them up with their wings. Eunuchs presented the insignia of coronation to the ruler: they led the ruler after his return from a victorious war into a chapel of the Virgin, and after having removed his armor and sword, they transformed him from a warrior prince to a Christian prince. Finally the eunuchs, like a living mantle of angels, accompanied the ruler to the sacred bath of the Blakhernes, source of the Mother of God, in which he submerged himself in order to be reborn. In Byzantium, the eunuchs represented a celestial power on earth." (GUILLAND, 2007. Tradução do autor).

Passaremos, a partir daqui, a discorrer sobre a gradativa influência dos eunucos mesmo após tentativas de acabar com a prática da castração por sucessivas leis imperiais.

## II – 1. A proibição do eunuquismo durante a história romana e sua persistência, com gradativa influência dos eunucos na administração imperial bizantina



Mapa do Mediterrâneo oriental séculos IX e X. O mapa mostra a região do Cáucaso que era grande exportadora de eunucos para Bizâncio (RICE (org.), 1967, p.114).

Embora ambas as sociedades clássicas de Grécia e Roma fossem familiarizadas com o fenômeno dos eunucos, fica claro que o período final da antigüidade testemunhou um crescimento dramático na visibilidade de eunucos na sociedade romana, pois nessa época eles parecem ter se tornado um elemento vital da corte imperial. [...] A presença crescente de eunucos na corte é geralmente associada ao imperador Diocleciano (284-305), cujo governo testemunhou uma 'orientalização' do imperador romano e da corte. Certamente os eunucos da

corte aparecem como vítimas da Grande Perseguição, ao passo que a *Historia Augusta* demonstra que eunucos haviam se tornado uma significativa presença e influência na corte.<sup>19</sup>

Segundo Guilland, os eunucos penetram em Roma, sobretudo com Heliogábalo no começo do século III. Desde a época da unidade territorial do Império Romano já ocorriam tentativas imperiais de se evitar a castração. A inumerável presença de eunucos na corte bizantina parece conflitar com as leis que severamente proibiram eunuquismo. Formalmente os imperadores romanos proibiram esta prática, pelo menos dentro dos limites do império. Domiciano, da dinastia Flávia (68-96) parece ter sido o primeiro a promulgar tal proibição, que foi renovada por Nerva. Adriano aplicou a *Lex Cornelia de sicariis* a doutores que castrassem machos e também a quem sofresse a operação. Esses dois últimos imperadores pertencem á dinastia Antonina (96-193). Mas mesmo com tais proibições a prática do eunuquismo não desapareceu (GUILLAND, 2007).

Referindo-se ao imperador Antonino, que adotou o nome de Heliogábalo, deus sol que era adorado em Emesa, na Síria, Gibbon menciona os comentários dos preocupados senadores confessando que "após ter longamente experimentando a aguda tirania de seus próprios cidadãos, Roma

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> Although both the societies of classical Greece and Rome were not at all unfamiliar with the phenomenon of eunuchs, it is quite clear that the period of late antiquity witnessed a dramatic upsurge in the visibility of eunuchs in Roman society, for at this time they appear to have become a vital element of the imperial court. This is what motivated Hopkins's classic study, for he sought to explain this development. The increasing presence of eunuchs at the court is generally linked with the emperor Diocletian (284-305), whose reign is said to have witnessed an 'orientalisation' of the Roman emperor and his court. Certainly court eunuchs appear as victims of the Great Persecution, whilst the *Historia Augusta* reflects that eunuchs had become a significant presence and influence at court. <sup>16</sup> (TOUGHER, 1997, p.169-70. Tradução do autor)

estava doravante humilhada sob a luxúria afeminada do despotismo oriental".

Mais a frente Gibbon se refere ao governo de Gordiano afirmando que:

"Imediatamente após sua subida ao torno, ele caiu nas mãos dos eunucos de sua mãe, aquele pernicioso verme do Leste que, desde os tempos de Heliogábalo haviam infestado o palácio romano. Pela astuta conspiração desses infelizes um impenetrável véu foi levantado entre um inocente príncipe e seus oprimidos súditos [...]" (GIBBON, 1971, p. 59 e 77).

McCormick diz que "Quando o milênio bizantino iniciava, o direito romano proibia a castração de cidadãos: a maior parte dos eunucos imperiais vinha de regiões para lá das fronteiras a nordeste do império." (McCORMICK, 1998, p. 225) Confirmando isto, Guilland, afirma que as regras proibindo a castração só poderiam legislar dentro dos limites do império, aparentemente não havendo proibição contra comerciar eunucos oriundos de países estrangeiros. (GUILLAND, 2007)

Guilland discorre cronologicamente sobre o eunuquismo ao longo da História de Bizâncio. Afirma que sob Constantino o Grande, que renovou as velhas leis sobre eunucos, bem como sob os seus sucessores imediatos, os eunucos não parecem ter sido muito numerosos, o que não lhes impediu de serem muito poderosos:

Sob Constâncio II (353-361) o praepositus Eusébio era um poder a ser considerado, cercado por seus jovens cubiculares que necessariamente eram eunucos, como ele. Foi dito sarcasticamente que o imperador sozinho teve alguma influência sob ele [...]. O mesmo Eusébio, um partidário de Arianismo, teve sucesso ao atrair a corte e a imperatriz a esta heresia [...]. Ammianus Marcellinus felicita Domiciano por ter proibido eunuquismo: "Onde nós estaríamos hoje," ele escreve, "se este tipo de monstro tivesse florescido, uma que mesmo em pequenos números eles se tornavam uma praga"?.<sup>20</sup>

28

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> "Under Constantius II (353-361) the praepositus Eusebius was a power to be reckoned with, surrounded by his young cubicularii who were necessarily eunuchs like himself. It was said sarcastically that the emperor alone had some influence with him (Ammianus Marcellinus XVIII 4).

Baynes reitera o grande poder exercido por um eunuco em Bizâncio. Ele afirma que durante o reinado de Teodósio II (408-450), que se tornou imperador aos sete anos, o eunuco Crisáfio foi o dono de Constantinopla de 441 até pouco antes da morte do imperador (1996, p.33). Já Guilland assevera que, no século V, Leão I (457-474) proibiu a venda de eunucos romanos no âmago do império, mas permitiu o comércio de estrangeiros, resultando numa inundação desses eunucos em Bizâncio. A prática da castração continuou e Justiniano I (527-565) promulgou uma Nova Constituição especificamente contra isto. Ele declarou que as leis proibindo o eunuquismo estavam longe de ser observadas e ressaltou a terrível taxa de mortalidade em que seguia à operação, mencionando a sobrevivência de apenas três entre noventa castrados.

Justiniano I castigou os perpetradores e cúmplices da operação com a penalidade de retaliação; se a pessoa condenada sobrevivesse, seria enviada às minas e sua propriedade seria confiscada. Também foram aplicados o confisco e deportação a mulheres que eram culpadas de ter ordenado a operação. Como para os operados, eles seriam emancipados pela lei se fossem escravos, não importando quando eles tinham sido feitos eunucos e até mesmo se a operação tivesse sido ordenada como tratamento para uma doença. Em todo caso, homens que se submeteram à operação como resultado de uma doença não seriam castigados pela lei. O resultado da Nova Constituição foi a emancipação de todos os eunucos no império. <sup>21</sup>

The same Eusebius, an adherent of Arianism, succeeded in winning over the court and the empress to this heresy (Socr. II 2). Ammianus Marcellinus congratulates Domitian for having prohibited eunuchism: "Where would we be today," he writes, "if this type of monster had flourished, since even in small numbers they manage to be a plague?" (XVIII 4)." (GUILLAND, 2007 Tradução do autor)

<sup>21</sup> Justinian I punished the perpetrators and accomplices of the operation with the penalty of

retaliation; if the condemned person survived, he was sent to the mines and his property was confiscated. The confiscation and deportation were also applied to women who were guilty of having ordered the operation. As for those who were operated on, they were emancipated by law if they were slaves, no matter when they had been made eunuchs and even if the operation had been ordered as treatment for an illness. In any case, free men who submitted to the operation as a result of an illness were not punished by the law. As a result of this New Constitution, all the eunuchs in the empire were emancipated. (GUILLAND, 2007. Tradução do autor. Ver também GUILLOU, 1998, p.209)

Justiniano convenceu ainda os príncipes da Abkhásia e Lázika, no Cáucaso, que incentivavam o eunuquismo por causa de lucro e que era região de origem da maioria dos eunucos designados ao serviço no Palácio Imperial, a cessar esta prática devido à sua brutalidade. Paradoxalmente, para tal enviou à Abkhásia o castrado Euphrantas, mas suas medidas foram em vão. Leão VI (886-912) interveio novamente com Nova Constituição, por julgar a lei tanto antiga quanto draconiana. Porém tomou decisões que aos olhos de Guilland significaram um retrocesso em termos da supressão de eunuquismo;

Ele tinha pedido que a operação fosse combatida com uma multa de 10 libras de ouro e exílio durante 10 anos; se o indivíduo culpado fosse um funcionário de palácio, ele seria tirado do seu cargo. O que tinha executado a operação seria chicoteado e esfolado, a propriedade dele seria confiscada, e ele exilado durante 10 anos; um escravo que tinha sido operado seria emancipado. Mas Leão tolerou operações voluntárias em homens livres e pela decisão de um doutor. Além disso, a lei não definiu a idade para dar consentimento voluntário, e os pais sempre puderam reivindicar que eles tinham consentido com a operação para as suas criancas.<sup>22</sup>

Guillou afirma que, a partir do século V, a família imperial e posteriormente a administração central utilizaram numerosos eunucos; "certos cargos, certos títulos áulicos estavam-lhes reservados; podiam exercer ainda todas as funções públicas, com raras exceções. Nas cerimônias, os eunucos tinham a precedência." Tanto na igreja, quanto no exercito ou na hierarquia civil os eunucos chegaram às mais elevadas funções. Cita então vários eunucos proeminentes ao longo da vida de Bizâncio:

22

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> He who had called for the operation was hit with a fine of 10 pounds of gold and exile for 10 years; if the guilty party was a palace official, he was stripped of his office. The one who had performed the operation was whipped and shaved, his property was confiscated, and he was exiled for 10 years; a slave who had been operated on was emancipated. But Leo tolerated voluntary operations on free men and by the decision of a doctor. Moreover, the law did not define the age for giving voluntary consent, and parents were always able to claim that they had consented to the operation for their children (GUILLAND, 2007. Tradução do autor).

Contam-se entre eles patriarcas como Germano I (século VIII), Metódio I (meados do século IX), Estevão II (século X), Eustrácio Garida (século XI), metropolitas, clérigos e monges. O eunuco Narsete, protospatário e camareiro no tempo de Justino II (565-78), mandou construir em Constantinopla o mosteiro dos Puros (Katharoi), reservado aos eunucos, aos quais estavam de resto abertos os mais célebres mosteiros da capital, como, por exemplo, o de Stúdio. Muito chefes militares foram também eunucos: recordem-se Stauracio no reinado de Irene (797-802), Eustácio, estratego da Calábria (século X), o patrício Niceta, derrotado e feito prisioneiro pelos árabes para ser resgatado pelo imperador Nicéforo II Foca meio século depois, o patrício Nicolau, que libertou Alepo e Antioquia em 970, quase todos os chefes dos exércitos de Constantino IX e de Teodora em meados do século XI. Os eunucos tiveram muitas vezes um importante papel junto do imperador, pelos menos até o fim do século XIII: o praepositus sacri cubiculi chegou a governar o estado; Estevão, o Persa, pôde bater impunemente em Anastácia, mãe do imperador Justiniano II; Baanes conseguiu dirigir o Império quando Basílio estava em guerra; no reinado de Leão VI, o camareiro eunuco Samonas, um antigo escravo possivelmente de origem árabe, chegou a afastar do trono patriarcal o poderoso Nicolau, já à frente de um gabinete imperial; Basílio, filho natural de Romano Lecapeno, nascido de uma relação com uma escrava eslava, constitui um exemplo ainda mais espantoso, já que, depois da vitória alcançada sobre os árabes, foi-lhes concedido o triunfo do Hipódromo, gozou de grande crédito no tempo de Romano II, foi feito primeiroministro de João Zimíscio e um dos maiores proprietários fundiários do Império. No tempo de Miguel IV (1034-41), que tinha três irmãos eunucos, são precisamente os eunucos que dirigem o Império, o que depois se repete com Miguel VI, Miguel VII e, mais tarde, com Aleixo III Ângelo no final do século XII; era nestes últimos tempos que o sacelário Constantino comandava a guarda palatina. Os eunucos do Palácio, cuja fortuna dependia talvez do fato de não poderem aspirar à púrpura imperial, perderam importância durante a segunda metade do século XIII, depois do regresso dos Paleólogos, devendo o motivo residir no influxo dos preconceitos ocidentais, que levaram a considerá-los como fisicamente inferiores. (GUILLOU, 1998, p.209-210)

Niketas Choniatès foi funcionário do governo, historiador, e teólogo nascido em Chonai, Phrygia, entre 1155 e 1157, morreu em Nicaea, em 1217 e, segundo o dicionário O. D. B., constitui a fonte mais importante para o periodo1118-1206 (O. D. B, 1991, p. 428). Em uma de nossas fontes, *O City of Byzantium, Annals of Niketas Choniatès*, ele diz que o imperador sucumbiu facilmente pela influência do mordomo e dos eunucos do dormitório. "The emperor easily succumbed to the influence of the chamberlains and the eunuchs of the bedchamber" (CHONIATÈS, 1984, p. 116). Esta frase demonstra mais uma vez a influência que tiveram os eunucos no império bizantino, responsáveis inclusive pela ascensão ou queda de imperadores.

Na corte bizantina os eunucos tiveram freqüentemente um papel importante e ficaram tão proeminentes em negócios de estado que a palavra veio ser praticamente o nome de um grande oficial estatal, o chamberlain.<sup>23</sup> Na Pérsia, índia, China e no Império Otomano os eunucos tiveram uma influência semelhante em negócios públicos.<sup>24</sup>

Como já afirmamos, os autores consultados mencionam a importância dos eunucos na condução dos assuntos governamentais do Império Romano do Oriente desde sua formação. Raros no tempo de Constantino I (sec. IV d. C.), adquiriram importância durante o regime de Constâncio II (sec. VII. d. C) acompanhando o constante crescimento do aparelho burocrático (O. D. B p.

Grande camareiro e normalmente o eunuco mais altamente classificando no serviço imperial. O cargo foi introduzido para substituir o anterior *a cubiculo*, provavelmente por Constantino I, mas o primeiro *praepositus sacri cubiculi* com firmeza identificado é Eusebios sob Constâncio II. Originalmente sob o controle do *castrensis sacri palatii* (E.A. a Costa, Byzantion 42 [1972] 358-87), o grande camareiro administrou o dormitório imperial, guarda-roupa e recepções; ele teve um pessoal de koubikoularioi. Como o confidente do imperador, o camareiro foi envolvido em negócios estatais importantes, incluindo atividades diplomáticas; ao final do 4° C. ele substituiu o comes rerum privatarum na administração das propriedades imperiais na Capadócia, e pelo 5° C. ele foi enfileirado ao nível de quaestor. Como um eunuco poderoso o *praepositus* encontrou ressentimento considerável da aristocracia. Pelo 5° C. a imperatriz teve seu próprio camareiro. Depois do 6° C. o cargo de *praepositus sacri cubiculi* declinou; as funções dele como camareiro principal foram assumidas pelo parakoimomenos, e a forma grega do título, praipositos, foi reservada a eunucos envolvidos principalmente em cerimônia do palácio. O próprio título desapareceu depois das 1087 (Oikonomides, Listes 300).

#### PRAEPOSITUS SACRI CUBICULI

Grand chamberlain, and normally the highest - ranking eunuch in the imperial service. The office was introduced to replace the former *a cubiculo*, probably by Constantine I, although the first securely identified *praepositus sacri cubiculi* is Eusebios under Constantius II. Originally under the control of the castrensis sacri palatii (E.A. Costa, Byzantion 42 [1972] 358-87), the grand chamberlain managed the imperial bedchamber, wardrobe, and receptions; he had a staff of *koubikoularioi*. As the emperor's confidant, the chamberlain was involved in important state affairs, including diplomatic activities; by the end of the 4th C. he replaced the COMES RERUM PRIVATARUM in charge of imperial estates in Cappadocia, and by the 5th C. he was ranked at the level of quaestor. As a powerful eunuch the *praepositus* encountered considerable resentment from the aristocracy. By the 5th C. the empress had her own chamberlain. After the 6th C. the office of *praepositus sacri cubiculi* declined; his functions as grand chamberlain were assumed by the *parakoimomenos*, and the Greek form of the title, *praipositos*, was assigned to eunuchs involved primarily in palace ceremony. The title itself disappeared after 1087 (Oikonomides, Listes 300). (O.D.B, 1991, p. 1709)

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> PRAEPOSITUS SACRI CUBICULI

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> At the Byzantine court the eunuchs often played an important role and be-came so prominent in affairs of state that the word came practically to be the name of a great state officer, the chamberlain. In Persia, India, China and the Ottoman empire eunuchs had a similar influence on public affairs. (*Chamber's Eciclopædia*. Londres: George Newnes LTD. 1950. v. V. p. 433.)

747). Nesse Estado cada vez mais complexo, parecem ter gozado de certa liberdade. A enciclopédia E. D. I. afirma que os eunucos, muitas vezes, representavam um grande papel político e afirma que eles tinham "a vantagem de ver de perto o soberano e suas favoritas, de viver no próprio local onde se tramavam as intrigas. Assim, muitos deles exerceram importantes cargos da corte." (E. D. I, [19--], p. 4416).

Além do fato de muitos terem mandado castrar seus filhos, esta certa onipotência perece ter feito algumas pessoas castrarem a si mesmos para terem uma ascensão social no Império, Guilland citando Zonaras<sup>25</sup>, Historiador canônico, teólogo e alto-oficial da corte de Aleixo I (1081-1118), afirma que os bizantinos sempre foram apaixonadamente excitados por castrar-se. Já Franco Jr. e Andrade F° afirmam que "A riqueza monetária democratizou as fileiras da aristocracia. Além da compra de título, uma outra forma de ascensão muito utilizada era a castração" (FRANCO Jr. e ANDRADE F°, 1985, p. 44). Além disso, segundo Guilland e também segundo Runciman, como já mencionamos acima, uma vez que se observou que ser um eunuco poderia trazer fortuna, poder e honra, os pais, mesmo nas classes mais elevadas, consentiram na mutilação de suas crianças, encontrando-se assim eunucos nas maiores famílias de Bizâncio, inclusive na família imperial (GUILLAND, 2007) e (RUNCIMAN, 1977, p.158-9).

Walter afirma que a maioria das altas funções administrativas do palácio eram reservadas exclusivamente aos eunucos e interditadas aos

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> Ver O. D. B., 1991, p. 2229.

barbudos. Durante mais de um quarto de século, sob três imperadores consecutivos, o Estado bizantino, de facto, foi governado por Basílio, um eunuco. Estes imperadores foram Basílio II ( 963-1025) Nicéforo Focas (964-9) e João Tzimiscés (969-76). Após a morte de Tzimiscés em 976, o poder foi exercido por seu tio-avô, o eunuco Basílio até 985, quando Basílio II assumiu definitivamente o poder (WALTER, [19--], p.70 e 253). Nesta mesma linha, Guilland afirma que uma ordem tão numerosa quanto poderosa e hierarquicamente organizada de eunucos formou-se em Bizâncio. Como já comentamos, foram criados títulos especiais de nobreza para eles e lhes eram reservadas certas responsabilidades. Foram conhecidos eunucos qualificados exercendo todas as funções públicas, com raras exceções.

Excluídos da reprodução, assexuados e sem descendência, os *cubiculares* eunucos exerciam grande influência, graças à grande confiança junto à família imperial que concentrava onipotente autoridade. Os eunucos serviam ao imperador à mesa, preparavam-lhe o vestuário, a cama e todas as noites fechavam-se à chave com ele no seu quarto de dormir e deitavam-se junto de seu leito e à sua porta. Controlavam o seu programa diário e cuidavam das suas insígnias. A colaboração deles era indispensável para quem quisesse aproximar-se do imperador. "Para conseguir apoio imperial às suas concepções teológicas, São Cirilo de Alexandria teve de corromper os eunucos com donativos que iam das 50 às 200 libras de ouro cada". (McCORMICK, 1998, p.225)

Já Guilland demonstra que Juliano (361-363) teve o eunuco Macedonius como o seu preceptor, mas levou o castrado Eusebius à morte e removeu todos os eunucos do palácio imperial. (GUILLAND, 2007)

Para demonstrar a ineficácia das leis que tentaram proibir o eunuquismo, McCormick aponta a origem dos eunucos. Por exemplo, no século VIII um ministro eunuco ao serviço da imperatriz Irene tentou colocar a sua família no trono, portanto se tratava de um bizantino. A seguir, um camponês paflagônio pediu a Deus que lhe enviasse um filho, para poder castrá-lo e a ter uma velhice descansada. Este filho serviria no Palácio e olharia por ele. Na segunda metade do século X, ele cita um membro ilegítimo da família imperial, Basílio Lecapeno, num papel chave do Kouboukleion imperial. (MCCORMICK, 1998, p. 225)

McCormick afirma que o poder estatutário dos eunucos cresceu a ponto de, no século X, o seu chefe presidir à organização das cerimônias imperiais. Esse privilégio pertencia aos mais importantes ministros barbudos do Estado até pouco depois do século VI. Afirma ainda que no final da Antigüidade, o eunuco dito *castrensis*, um mordomo, tinha funções de supervisão da atividade do pessoal inferior do palácio e que os eunucos estavam também presentes na educação dos filhos do imperador e cita alguns casos relevantes a esse respeito como o do famigerado Antioco que tinha sido preceptor do imperador Teodósio II. A preocupação do papa Gregório I com o exemplo que os eunucos poderiam dar aos filhos do imperador Maurício. E também quando se

pensou num casamento entre a filha de Carlos Magno e o filho da imperatriz Irene, enviou-se para o ocidente um oficial eunuco para instruir a jovem franca no tocante aos costumes e à língua da corte bizantina. (McCORMICK, 1998, p. 225-6)

Para o autor, embora Constantino VII proclame explicitamente a paternidade do grande Tratado do século X *Sobre as Cerimônias Imperiais*. A preocupação dele em enunciar os privilégios e as vantagens de que gozavam os eunucos do Koubokleion parece indicar o quanto sua confecção deve a esse grupo social. "Era tão grande o prestígio dos eunucos que a mentalidade medieval imaginou que partilhavam com os anjos o seu aspecto." (McCORMICK, 1998, p.226)

Essa ascensão do eunuco tem explicação. Os Imperadores queriam evitar que uma nobreza hereditária dominasse os cargos burocráticos, o que poderia gerar uma descentralização do poder:

A impossibilidade de (...) hereditarização [dos eunucos] nos cargos os tornavam atraentes aos olhos do Estado. Desenvolveu-se uma grande burocracia de eunucos, poderosa arma imperial contra a tendência de 'enfeudalização' dos cargos, sempre presente na nobreza hereditária (FRANCO Jr. e ANDRADE F°, 1985, p. 69).

Por outro lado, segundo Gérard Walter afirma que não se chegou a um acordo sobre motivos dessa predilecção dos soberanos de Bizâncio pelos eunucos. E que a explicação de que seu estado fisiológico particular os tornavam inaptos a usar a coroa não havendo pois motivo para recear uma tentativa de se apoderarem do trono não é convincente, porque, mesmo sem aspirarem por sua própria conta ao poder supremo, muitos eunucos tomaram

parte em conjuras tramadas contra o imperador reinante (WALTER, [19--], p. 70).

Ainda segundo esse autor, poderia admitir-se que eles eram mais inclinados a especulações intelectuais e forneciam um número importante de homens instruídos e aptos às funções governamentais, isso por serem privados de prazeres sexuais. Corroborando esta idéia, Franco Jr. e Andrade F° afirmam que a burocracia de eunucos foi um dos principais fatores que possibilitaram ao Estado obter, durante longo tempo, uma maior independência e estabilidade institucional (FRANCO Jr. e ANDRADE F°, 1985, p. 69).

A proximidade dos eunucos junto à família imperial pode ser notada, por exemplo, quando a imperatriz Euphrosyné esposa de Aléxios III Ângelo (1195-1203), foi acusada de desonrar o imperador por adultério. Ela rogou ao marido para desprezar a engenhosa inventividade dos seus acusadores e o seu parentesco com eles e dar atenção à precisão e verdade da matéria e exigiu ser colocada em processo pelas acusações, afirmando que estava disposta a sofrer o que o julgamento fizesse contra ela. O soberano, exaltado pela raiva, não seguiu nenhum desses cursos de ação, mas, em vez disso, sujeitou certa quantidade de camareiras da mulher à tortura, averiguando dos eunucos do dormitório exatos detalhes do assunto:

Depois, quando ele entrou no palácio de Blachernai, ele não desabafou a sua ira imediatamente, mas como ele admitiu a sua esposa por uma última vez jantar ao seu lado, sua agitação interna se mostrou em seu semblante bravo e na maneira na qual ele virou seus olhos para longe dela; inflamado pelo fogo de raiva, contudo não consumido por isto, ou queimando secretamente dentro e extinguindo a chama sem ser descoberto, ele nunca novamente acompanhou-a ou jantou com ela. Ela, em nova direção, exigiu ser colocada em

julgamento pelas acusações feitas contra ela, enquanto afirmando que estava disposta sofrer qualquer julgamento que fosse feito contra ela. Ela pediu ao imperador para desconsiderar a engenhosa inventividade dos seus acusadores e o parentesco dele com eles e dar atenção à precisão e verdade do assunto. Ele não seguiu tal curso de ação, mas ao invés sujeitou certas camareiras à tortura. Averiguando dos eunucos do dormitório detalhes precisos do assunto, ele comandou alguns dias depois que ela fosse removida do palácio e despida do seu vestuário imperial e roupão esplêndido. Ela foi conduzida para fora do palácio por uma passagem descendente pouco conhecida vestida em uma túnica comum, o tipo usado diariamente por mulheres assalariadas, escoltada por dois criados bárbaros que falaram o grego quebrado. Lançado em um barco de pescar de dois remos, ela foi levada para um certo convento, construído perto da foz do Pontos, nomeado Nematarea.<sup>26</sup>

O testemunho de Choniatès no final do século XII é revelador da poderosa influência que os eunucos exerciam até mesmo junto ao casal imperial, uma vez que o imperador demonstra ter mais confiança em seus eunucos do que na sua esposa e imperatriz.

Fato tipicamente bizantino é a contradição extraordinária entre, por uma lado, a necessidade dos eunucos na administração, no exército e na corte e, por outro, as inúmeras tentativas de extingui-los por lei. Segundo McCormick, muitas razões explicam o interesse agudo pelos eunucos. Primeiro isto poderia refletir uma influência crescente do Oriente asiático em Bizâncio. Além disso, uma vez sendo um tipo hábil e agradável de pessoa, o eunuco rapidamente adquiria no palácio imperial uma simpatia profunda nos imperadores e imperatrizes. "Sem dúvida a aristocracia e as pessoas exibiram um real ódio

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> Later, when he entered the palace of Blachernai, he did not at once vent his wrath, but as he admitted his wife for one last time to take dinner with him, his inner agitation showed in his angry countenance and in the manner in which he turned his eyes away from her; inflamed by the fire of anger, yet not consumed by it, or burning secretly within and extinguishing the flame without being detected, he never again consorted with her or dined with her. She, in turn, demanded to be placed on trial for the charges made against her, asserting that she was willing to suffer whatever judgment was made against her. She entreated the emperor to disregard the ingenious inventiveness of her accusers and his kinship with them and to give heed to the accuracy and truth of the matter. He did not follow any such course of action but instead subjected certain of the female chamberlains to torture. Ascertaining from the eunuchs of the bedchamber precise details of the affair, he commanded some days later that she be removed from the palace and divested of her imperial garment and splendid robe. She was led out of the palace through a little-known descending passageway dressed in a common frock, the kind worn by women who spin for daily hire, escorted by two barbarian handmaids who spoke broken Greek. Thrown into a two-oared fishing boat, she was taken to a certain convent, built near the mouth of the Pontos, named Nematarea. (CHONIATÈS, 1984, p.268 [488])

pelos eunucos, mas este ódio não ousou se expressar muito abertamente, porque os eunucos eram poderosos, arrogantes, e vingativos." <sup>27</sup>

Quando Guilland diz que o uso dos eunucos é, entre outras coisas, uma influência do Leste, entendemos se referir às civilizações da Ásia onde os eunucos eram usados em larga escala. Como vimos acima, o grande fornecedor de eunucos era a região do Cáucaso, a leste do Mar Negro.

Coser avança algumas reflexões que são importantes para nossa pesquisa. Assevera que a origem dos eunucos não explica por que eles vieram a ser usados como instrumentos preferidos no auxílio de governo. Apesar de em Bizâncio não ter existido a instituição do harém, nenhum alto oficio na Igreja ou Estado (com a única exceção da própria dignidade imperial) foi proibido aos eunucos em princípio, e muitos dos principais estadistas e generais bizantinos eram eunucos. Embora eunuquismo tenha originado das necessidades de senhores de harém, esparramou a áreas como Bizâncio porque serviu para funções nos governos cuja presença de fortes elementos patrimoniais ainda eram prevalecentes. Em tais sistemas o imperador desejou minimizar a sua dependência da burocracia civil e então requereu homens que deveriam prestar submissão total a ele e que não incorressem na reprodução. O político eunuco é o resultado da tensão entre a necessidade de confiar na burocracia por propósitos de centralização e a necessidade da submissão pessoal e dependência. Entre os eunucos estavam meninos vendidos por

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> No doubt the aristocracy and the people displayed a real hatred for the eunuchs, but this hatred did not dare express itself too openly, because the eunuchs were powerful, arrogant, and vindictive. (GUILLAND, 2007). (Tradução do autor)

camponeses aos agentes do palácio, meninos jovens escravos capturados em invasões ou outras operações militares, meninos castrados na sua mocidade ou mesmo homens adultos que foram castigados com a castração. Uma vez no círculo social da corte os eunucos geralmente perdiam contato com as suas famílias e a região de origem, tornando-se literalmente ou figurativamente, alienados. <sup>28</sup>

Apesar de Coser afirmar que os eunucos surgem, entre outras coisas, da necessidade da submissão pessoal e que eles eram alienados de suas origens, o que percebemos ao longo da história bizantina é a constante reafirmação dos eunucos e a demonstração de seu poder inclusive frente ao soberano. No que tange às influências orientais, certamente o Império sofreu a influência do Leste, pois Bizâncio esteve, justamente, no caminho intermediário entre Roma e o mundo perca e depois muçulmano. Mas acreditamos que seria simplificar demais afirmar que a inserção dos eunucos foi uma influência oriental no período bizantino, pois, como vimos anteriormente, eles já estavam presentes no Império Romano desde a Antigüidade, quando da "orientalização" do

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> In Byzantium, where the institution of the harem did not exist, "no office, however high, in Church or State (with the single exception of the imperial dignity itself) was withheld from the eunuchs on principle," 7 and many of the leading Byzantine states- men and generals were eunuchs. Although eunuchism originated in the needs of harem masters, it spread to non-harem areas because it served functions for the rulers of empires that went beyond those in which it originated. Political eunuchism thrived under oriental despotism, where bureaucratic or proto-bureaucratic rule had already developed but where strong patrimonial elements were still prevalent. In such systems the Emperor wished to minimize his dependency on the bureaucracy, whose impersonal standards made it insufficiently pliable as an instrument of personal rule. He therefore required men who would owe him total allegiance. The tension between the need to rely on bureaucracy for purposes of centralization and the need for personal allegiance and dependence led to the creation of a new role, that of the political eunuch. Eunuchs were typically recruited among young boys captured in slave raids or other military operations, or they were boys sold by peasants to agents of the palace. (In addition to boys castrated in their youth, some- times men punished by being castrated as adults were also used.) Once they had moved into the social circle of the court, these eunuchs typically lost contact with their families and their region of origin. They were, literally or figuratively, aliens. (COSER, 2008. Tradução do autor)

mesmo, a partir do século III. Por outro lado, como também já observamos acima, pelo menos no período do governo de Justiniano, grande parte dos eunucos vinham do Cáucaso (Lásika e Abkhásia), a meio caminho entre Bizâncio, a Armênia e a Geórgia, nas margens orientais do mar Negro.

É importante ressaltar que não existe um consenso absoluto quanto aos motivos da preferência dos eunucos nos cargos administrativos bizantinos. Esta não pode se apoiar na impossibilidade de aspirarem à coroa imperial, pois, eles conspiravam em favor de outras pessoas. A tentativa de se evitar uma enfeudalização em Bizâncio, tal como proposta por Franco Jr. e Andrade F° parece uma explicação viável para tal preferência. Além disso, a participação dos eunucos na educação da família imperial, tornando-se uma figura confiável e confidente do futuro soberano, parece ser um ponto chave para a influência exercida, o que não explica como eles começaram a ser usados nesta função.

Percebemos assim que recorrentes leis imperiais desde a Antigüidade com Domiciano, da dinastia Flávia (68-96), Nerva e Adriano ambos da dinastia Antonina, passando para Bizâncio com Constantino o Grande (311-337), Justiniano (527-565) e Leão VI (886-913) tentaram acabar com o eunuquismo. Paradoxalmente o que ocorre é uma gradativa influência dos eunucos no âmago do Império.

## II – 2. O eunuco e sua influência junto ao imperador

Como tentamos demonstrar anteriormente e como ainda veremos ao longo desse trabalho, mesmo que não tivessem legitimidade para tornar-se imperadores de fato, os eunucos chegaram a exercer indiretamente tal poder. Discorremos então sobre a influência do soberano na vida dos bizantinos:

<<O sol é como um imperador>>, ho helios basileuei: era com estas palavras que, na Idade Média, as mulheres e os homens de Bizâncio costumavam descrever o esplendor púrpura e os tons dourados do ocaso mediterrânico. Com poucas palavras esta frase diz-nos algumas coisas importantes. Assim como o sol coroava o universo físico dos bizantinos, também o imperador aparecia como o vértice e o supremo princípio organizativo da sua sociedade. [...] sob certos aspectos, a elaboração jurídica bizantina chegou mesmo a alargar as vastas prerrogativas imperiais reconhecidas pelo direito romano; o imperador era a única fonte das promoções administrativas que faziam funcionar o sistema político: o sentimento comum atribuía-lhe poderes de confiscação extraordinários, tais que limitavam talvez o próprio conceito de propriedade privada. (McCORMICK, [19--], p.219 e 227)

No vértice da pirâmide político-administrativa estava a figura dominante do imperador, a autoridade absoluta do Estado. Charles Diehl afirma que poucos soberanos no mundo superaram o poder do imperador de Bizâncio. Poucos estados, mesmo na Idade Média, tiveram tal concepção da autoridade monárquica. Herdeiro dos césares romanos, o imperador bizantino era ao mesmo tempo chefe, guerreiro e legislador. O contacto do Oriente tornou-o *autocrator* e *despotes*. A partir de início do século VII adotou também oficialmente o título de *basileus* dos monarcas persas, reforçando a autoridade absoluta do *autocrator*. "Enfim, o cristianismo fêz dele o eleito de Deus, o ungido do Senhor, o representante de Deus sobre a terra, seu lugar-

tenente à frente dos exércitos, e, como se dizia em Bizâncio, o *isapóstolos*, o príncipe igual aos apóstolos." (DIEHL, 1961, p. 82)

Naturalmente, o estilo de governo sofreu grandes variações durante mais de mil anos de história. Nesse estado teocrático o imperador, eleito por Deus, como os demais habitantes, aproveitava ao máximo a luz do dia acordando ao amanhecer. A primeira atividade séria eram as orações numa das muitas igrejas do Palácio: Em um dia de trabalho normal, o imperador consultava os ministros mais importantes no tocante a assuntos urgentes, podendo nutrir particular interesse pelo andamento dos processos, e atendia aos oficiais que regressavam ou partiam para as frentes de batalhas. Tão importantes quanto os assuntos administrativos do estado eram os cerimoniais do Palácio. As audiências solenes e as procissões são duas cerimônias em particular, do vasto repertório dos gestos simbólicos do imperador, que tiveram um papel crucial na vida pública e que se prolongam ao longo de toda a era de Bizâncio. As grandes procissões ou a distribuição de ouro aos dignitários imperiais tinham início à primeira hora do dia, ou seja, por volta das seis da manhã, e podiam prolongar-se pela manhã afora. Para resolver outras questões de rotina que exigiam a sua atenção, o imperador subia ao trono colocado na abside do Crisotriclínio ou 'salão de banquetes Dourado' e recebia o primeiro ministro com quem conversava por detrás da cortina que separava a abside imperial do resto da sala. "O primeiro-ministro, o logoteta<sup>29</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>29</sup> O *Prosopography of the Byzantine Empire* define logoteta da seguinte forma: "Do 6° século, funcionário fiscal, normalmente atestado por selos; depois o cabeça do departamento na administração, e.g. do Dromos."

ou qualquer outro dignitário que o imperador precisasse consultar podiam vir à sua presença várias vezes antes da refeição." (McCORMICK, 1998, p.191, 228-9, 236)

Assim é descrita uma procissão do século X, de acordo com McCormick ao já mencionado tratado *De Cerimoniis*, do imperador Constantino VII Pofirogênito:

Tudo começava com uma elaborada série de preparativos cerimoniais no interior do Palácio: o imperador e os eventuais jovens co-imperadores envergavam as suas pesadas vestes processionais, os vários participantes admitidos no séquito do imperador saudavam os soberanos e tomavam o lugar que lhes cabia na procissão. Depois o imperador fazia o sinal da Cruz, o desfile punha-se em movimento e aparecia em público. Os primeiros a aparecer eram os porta-insígnias, com os antigos vexilla do poder romano, estandartes e longas bandeiras de dragão e, evidentemente, a grande cruz dourada tradicionalmente tida como obra de Constantino I. Diante do grupo imperial avançavam os vários elementos da hierarquia das dignidades de Estado, que na véspera haviam recebido instruções para apresentar-se. Eram dispostos segundo uma ordem de precedências de tipo ascendente e envergavam vestes cerimoniais cuidadosamente estudadas de modo a não empanarem o esplendor da indumentária imperial. No fundo do cortejo, os corpos de elite das guardas imperiais e os eunucos cubiculares rodeavam o imperador. A procissão passava através das filas compactas dos mercadores e das associações de oficio da cidade, das autoridades municipais da capital, para não falar dos embaixadores estrangeiros que se encontrassem na cidade imperial.

Ao longo do caminho que levava à Grande Igreja, a procissão fechava-se e os corpos governativos que continuavam a usar os nomes de antigas facções do circo cantavam complexas aclamações em honra do soberano universal. Ao entrar na igreja, o imperador recebia a saudação do patriarca: depois, dirigia-se a um sipário por detrás do qual, e para homenagear o soberano celeste, **os chefes eunucos** lhe tiravam a coroa. O imperador entrava depois no santuário, beijava a toalha do altar e incensava o grande crucifixo dourado. Depois retirava-se para um espaço adjacente ao santuário de onde só saía para acompanhar ao altar as ofertas eucarísticas e finalmente, para a comunhão. Depois disto, enquanto a missa terminava, o imperador e seus mordomos tomavam uma refeição. À saída, o imperador distribuía pequenas bolsas cheias de ouro ao clero, aos cantores, a um grupo de mendigos e, finalmente, doava por tradição umas boas dez libras-ouro à igreja. A procissão de regresso ao Palácio decorria de modo análogo à precedente, concluindo freqüentemente com um suntuoso banquete onde os mais altos dignitários do Império eram convidados a comer nos antigos divãs, segundo a sua categoria. (McCORMICK, [19--]. p. 237-8)

44

<sup>&</sup>quot;From 6th century, a fiscal official, usually attested by seals; later the head of a department in the administration, e.g. of the Dromos." MARTINDALE, John Robert (Ed.) Prosopography of the Byzantine Empire I: (641-867). Londres, 2001. (CD-ROM). (tradução do autor) doravante (P. B. E., 2001)

Os soberanos protegidos do resto da população pelas figuras assexuadas e pelos soldados que viviam em uma unidade dentro do Grande Palácio, tinham sua vida separada do resto da população e mantida isolada e vigiada pelo onipotente corpo dos eunucos palacianos. A residência do imperador era uma unidade estrutural dentro do Grande Palácio e seu estatuto sacral era tanto que um dignitário foi acusado, numa narração hagiográfica, de contaminar o palácio por ter lá entrado no domingo após ter feito amor com a mulher. A nosso ver a tentativa de evitar esta 'contaminação', dentro de uma série de situações cujas discussões permeiam este trabalho e são apontadas como causa do poderio dos eunucos, pode ter influenciado na ascensão dos eunucos ao palácio uma vez que eram em tese incapazes de realizar o ato sexual ou a ejaculação dependendo do tipo de castração. (McCORMICK, 1998, p. 222 e 224)

Com relação à vida do imperador bizantino, Louis Brehier afirma que apesar, das inúmeras cerimônias, o basileus não se ocupava o dia inteiro de rituais como escreve alguns autores:

A vida oficial de um basileus foi descrita em *A história das instituições*. A pessoa pode ver lá o número imponente de banquetes e solenidades dos quais ele participou de acordo com rituais de uma real liturgia, mais velho que o da igreja e isso foi preservado até o fim do império (287).

Enganado por aparências e levando mentiras de conta exclusivas de rituais de corte como o Livro de Cerimônias, de historiadores eminentes, Rambaud, por exemplo, apresentou a vida de um basileus como uma cerimônia perpétua, uma vida realmente papal que não o deixou qualquer momento sem ocupação. Um rótulo inelutável o ditou o uso de cada dia do ano. Ele passou a sua vida no meio de hinos, de salmos, de procissões. [...]

De fato, a vida oficial de um imperador, função pública, não ocupou todos seus momentos, nem mesmo todos seus dias. Ele não foi ocupado continuamente de cerimônias, de conselhos,

de *silentia*, mas, em margem das suas ocupações oficiais ele conduziu uma vida doméstica como todos seus súditos.<sup>30</sup>

Segundo McCormick, o palácio era uma cidade dentro da cidade e suas estruturas físicas eram povoadas por uma vasta e heterogênea multidão. Nele viviam o imperador com a mãe, a mulher e os filhos, eventualmente com membros da sua família. Também, além das guardas imperiais, encontramos os burocratas tendo no Palácio o seu centro operativo. Aparentemente, o número dos gabinetes governamentais instalados no interior das muralhas do Palácio foi crescendo gradativamente, sendo esta a sede de serviços administrativos que iam da chancelaria imperial aos tribunais judiciários. Os camareiros eunucos dos aposentos imperiais ou do *kouboukleion*, os *cubiculares* (do latim *cubiculum*<sup>31</sup>), eram os membros de maior categoria entre

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup> La vie officielle d'un basileus a été décrite dans l'*Histoire des institutions*. On peut y voir le nombre imposant de fêtes et de solennités auxquelles il prenait part suivant les rites d'une véritable liturgie, plus ancienne que celle de l'Église et qui fut conservée jusqu'à la fin de l'Empire (<sup>287</sup>).

Trompés par les apparences et tenant compte exclusive-ment des rituels de cour tels que le Livre des Cérémonies, d'éminents historiens, Rambaud, par exemple, ont présenté la vie d'un basileus comme une cérémonie perpétuelle, *une vie vraiment pontificale*, qui ne lui laissait aucun loisir. Une étiquette inéluctable « lui dictait l'emploi de chaque jour de l'année. Il passait sa vie au milieu des cantiques, des psaumes, des processions ». [...]

En réalité, la vie officielle d'un empereur, fonction publique, n'occupait ni tous ses instants, ni même toutes ses journées. Il n'était pas continuellement occupé de cérémonies, de conseils, de *silentia*, mais, en marge de ses occupations officielles, il menait une vie domestique comme tous ses sujets. (BRÉHIER, 1969-70, p. 57-8, tradução do autor)

<sup>&</sup>lt;sup>31</sup> A confusão sobre o tema se manifesta inclusive na definição dos cargos. Pois corremos o risco de identificar como dois cargos diferentes um único cargo que aparece com seu nome de origem latina e em outro lugar aparece seu nome em grego, devido às variações dadas pelo idioma das obras pesquisadas ou ainda pelas variações dos nomes atrbuidos a uma única função ao longo da história do Império. Por exemplo, praepositus sacri cubiculi é descrito pelo P. B. E. como origem grega e bedchamber como de origem latina. Já McCormick diz "camareiros eunucos dos aposentos imperiais ou do *kouboukleion*, os *cubiculares* (do latim *cubiculum*)".

A palavra *cubiculum* também é apontada como de origem latina pelo O. D. B.: KOITON (Lat. *cubiculum*), bedchamber, esp. do imperador. O "chefe do koiton" se tornou a designação do camarista de corte: assim Palladios de Calaitia enviou para o patrocinador dele Lausos como "o mais piedoso praipositos do koiton" (PG 34:1259A), a tradução grega de praepositus sacri cubiculi. Basílio o Grande (ep. 79. 11, ed. Y. COURTONNE, VOL. 1 [Paris 1957] 181) fala de dois " grandes funcionários "— o eparch (praetorian perfeito) e *ho Peri ton koitona*, o posterior provavelmente ser identificado como o castrensis sacri palatii Demosthenes (PLRE 1:249) - Philostorgios (ELE 10.6 ed. Bidez 127.23) menciona os criados "no koilon" um termo sinônimo com koitonitai. Pelo 9º século o chefe do koiton foi chamado o Parakoimomenos. Oikonomides (Listes 301) distingue hoi epi tou

o pessoal doméstico do palácio. O autor declara ainda que a importância dos laços de parentesco sublinha o significado histórico das imperatrizes. Legalmente, as *augoustai* dependiam dos imperadores. O *Digesto* estabelecia que o seu poder e a sua posição derivavam do imperador, ocorrendo ecos desta concepção nos ulteriores desenvolvimentos do direito bizantino. Porém, tal circunstância combinou-se com o progressivo desenvolvimento da relação familiar como fator primário do ordenamento social, conferindo a algumas imperatrizes poder e autoridade. (McCORMICK, 1998, p. 224, 225, 231-2)

Refletindo a tendência bizantina à segregação sexual, a vida pública da imperatriz era bem distinta do seu consorte. Ela era particularmente importante para a aristocracia feminina da corte, constituindo o eixo cuja vida pública das grandes damas de Bizâncio girava, sendo as boas-vindas à futura esposa do imperador uma das raras ocasiões em que estas, de posição senatorial, tinham um papel fulcral nas cerimônias que se realizavam nas ruas de Constantinopla, e as quais já nos referimos. Ela tinha sua esfera cerimonial e social autônoma, formada pelas mulheres que tinham posições correspondentes às dos maridos, os membros mais eminentes da hierarquia

koitonos, os criados do próprio aposento imperial, e aqueles do cubiculum, o corpo de exército de eunucos do palácio. Constantino VII (DE ADM. imp. 50. 51 - 53) usa a frase "o koiton vigiado por Deus" pela tesouraria na qual o Pakton de tribos eslavas foi depositado.

KOITON (Lat. cubiculum), bedchamber, esp. of the emperor. The "(chief of the koiton" became the designation of the chamberlain: thus Palladios of Calaitia addressed his sponsor Lausos as "the praipositos of the most pious koiton (PG 34:1259A), the Greek translation of praepositus sacri cubiculi. Basil the Great (ep. 79. 11, ed. Y. Courtonne, vol. 1 [ Paris 1957] 181) speaks of two "great officials" — the eparch (praetorian prefect) and ho peri ton koitona, the latter probably to be identified as the castrensis sacri palatii Demosthenes (PLRE 1:249)- PhiLosTorGios (HE 10.6 ed. Bidez 127.23) mentions servants "in the koilon" a tern synonymous with koitonitai. By the 9th C. the chief of lhe koiton was called the ParakoimomEnos. Oikonomides (Listes 301) distinguishes hoi epi tou koitonos, the servants of the imperial bedchamber proper, and those of the cubiculum, the corps of eunuch of the palace. Constantine VII (De adm. imp. 50. 51- 53) uses the phrase "the koiton guarded by for the treasury in which the PAkTON of Slav tribes was deposited. (O. D. B. 1991, p. 1137)

estatal das dignidades. Por exemplo, durante a liturgia eucarística de Santa Sofia, a imperatriz rodeada pelos *cubiculares* eunucos e pelos porta-espadas, seus e do marido, concedia audiências solenes às mulheres dos dignitários imperiais. "Paradoxalmente, esta espécie de segmentação com base sexual não impedia a imperatriz – nem de resto outras damas bizantinas – de envolver-se fortemente numa variada série de atividades." (McCORMICK, 1998, p.233)

André Guillou afirma que não se podia fugir à vontade imperial, assim como nas antigas monarquias orientais e, depois, nos estados helenísticos, o imperador bizantino governava com os membros da sua casa, que formavam um corpo único, recebendo as ordens do soberano que os escolheu direta ou indiretamente e formalmente obrigados a executá-la sob pena de serem acusados de insubordinação. (GUILLOU, 1998, p.191). Giordani diz que, "para o exercício do poder, o imperador dependia de toda uma imponente e complicada máquina administrativa, sem a qual a vida política do Império ficaria paralisada." (GIORDANI, 1968, p. 108) E Baynes afirma que nem o chefe militar nem o governador podiam dispor de autoridade que pudessem converter em perigosa rivalidade ao trono (BAYNES, 1996, p.91). Os eunucos estavam justamente no seio da familia imerial, na burocracia e também em autos postos militares por terem a confiança do soberano.

Como já observamos o imperador representa a concentração numa só mão de toda a autoridade pública. O Sagrado Palácio Imperial é a sua residência e, portanto, a sede do governo e ligado a todas as funções públicas.

Sendo assim, o pessoal do Palácio, onde se encontravam vários eunucos, sempre teve um papel preponderante entre todos os agentes do poder. "O imperador governava o Estado com agentes intimamente ligados à sua pessoa por uma função palatina mais ou menos honorífica, por um título áulico que lhes conferia uma posição na hierarquia." (GUILLOU, 1998, p. 191-2) Segundo esse autor, apesar de Bizâncio apresentar um sistema administrativo centralizado capaz de impor sua vontade a populações diversas em raça e língua durante muitos séculos, os agentes detentores de parte da autoridade do Estado e responsáveis perante ele não eram muitos. "Apesar de tudo o que se escreveu, estes agentes eram pouco numerosos, o que pode parecer paradoxal num Estado teocrático, onde o imperador, eleito por Deus, era o representante deste na Terra." (1998, p. 191)

As atividades quotidianas do Palácio eram supervisionadas pelos eunucos: o *papias*, eunuco encarregado dos edificios ou das estruturas do palácio, assistido pelo *deuteros*, seu segundo, aparece como supervisor da rotina de base da instalação física do Palácio. O papias era principalmente o vigia do palácio. O dever dele era manter as chaves e abrir os portões; ele também manteve as chaves da prisão do palácio. A cooperação do papias era importante para qualquer conspiração: assim, o papias realizou um papel decisivo no golpe de Miguel II contra Leão V. Quando Basílio I tramou o assassinato de Miguel III, o hetaireiarches Artabasdes arrebatou as chaves do papias e deixou entrar os conspiradores. O papias era responsável pela

manutenção dos edifícios. Como já afirmamos acima e contava com um grupo numeroso de servidores inferiores que controlavam a vida do palácio em todas as suas minúcias: manutenção dos quartos, banhos, iluminação, aquecimento, etc. (O. D. B., 1991, p. 1580)

Antes e após as refeições do imperador, o *papias* percorria o palácio, batendo com as chaves, respectivamente, sinal de que o Palácio ia fechar ou abrir. Celebradas as matinas, o *papias*, possuindo as chaves das várias entradas do palácio, seguia pelo mesmo, com seu esquadrão de domésticos palacianos, o comandante das guardas imperiais e os seus homens, abrindo as várias entradas e outras vias de comunicação entre o interior e o exterior. "É típico o fato de esta importante missão de segurança ser confiada a dois grupos rivais, os eunucos e os soldados." (McCORMICK, 1998, p.225, 229). A rivalidade entre os grupos, além de dificultar a união deles em uma cospiração contra o soberano, poderia dificultar que um deles o traísse, pois um grupo inibiria a ação do outro.

No que se refere à participação dos eunucos na organização da vida palaciana, Guilland afirma que é Sob Justino II (565-578), que os eunucos parecem ter sido encarregados mais particularmente com serviço íntimo no Palácio, serviço de mesa ou serviço de câmara. (GUILLAND, 2007)

Segundo Guillou, o recrutamento dos funcionários apresentou sempre a mesma forma, exigindo-se além de competência técnica, conhecimentos gerais, que iam da arte epistolar à retórica e, principalmente, as noções

jurídicas. Pelo exame de admissão na função pública ser difícil e muito complicado, os altos funcionários, com algumas exceções, foram sempre literatos, formados em universidades como a de Constantinopla e a escola de Direito de Beirute, ou custeando professores privados. O critério para o avanço dos funcionários na carreira era a antigüidade, mas houve inúmeras exceções. Havia em alguns casos a venda de cargos além de ter existido a indicação de promoção pelo imperador. Apesar de desde o início, as poderosas famílias dos grandes proprietários terem monopolizado as altas funções administrativas do Império, o acesso a elas estava, a princípio, acessível a todos os súditos do império. Provincianos de origens modestas vinham a Constantinopla para estudar e podiam entrar nas repartições como simples empregados e para seguirem carreira podendo alcançar o topo da hierarquia. Como exemplo, temos no século XI, o eunuco Niceforitza, personagem de origem obscura, mas dotado e ambicioso, que percorreu toda a escala da hierarquia.

A intervenção do clero na administração do Estado foi particularmente frequente nos séculos XIV e XV. Após o século XII, as maiores funções foram exercidas por parentes

Guilland também descreve a função do *praepositus* ao falar da presença dos eunucos próxima ao imperador:

Eles têm direitos de cidadão no Palácio Sagrado; eles chegam ao rei livremente e vivem na esfera íntima dele; em muitos casos eles estão até mesmo um passo à frente de dignitários barbudos. À liderança deles estava o Praepositus da Câmara Sagrada, praepositus sacri cubiculi, normalmente chamado ho praipositos. Este alto personagem teve a confiança

absoluta do imperador e freqüentemente correu o Estado em nome do seu mestre (Guilland, 2007).

Ostrogorsky afirma serem oito os títulos honoríficos que correspondiam aos eunucos, que tinham primazia frente aos demais patrícios de mesma ocupação. Nenhum cargo civil ou eclesiástico, com exceção do de imperador, estavam vedados a eles em princípio, sendo que vários homens de estado e generais que se distinguiram em na história bizantina foram eunucos. Os cargos que o autor destaca como os principais são o parakoimomenos, (também em MARTINDALE, 2001) que dormia ao lado da cama imperial e era geralmente era um dos mais íntimos confidentes do imperador e o cargo do protovetiairio, que era o chefe do guarda roupas imperial. Ele ainda afirma que exerciam também outras funções palacianas muito importantes como a de reitor que surge com a dinastia macedônica e é um dos mais altos cargos da corte bizantina, a função de protopraiposito, a de mestre das cerimônias, a de mestre de equitação e a de protostrator (Ostrogorsky, 1983, p. 275-6).

Já Shaun E Tougher afirma que os cargos reservados aos eunucos eram dez ao todo dos quais refletem contato e intimidade com o imperador. Exemplifica citando a descrição literal do mais alto desses cargos:

<sup>[...]</sup> o cargo de parakoimomenos, mais alto este grau de proximidade íntima com o imperador, por isto literalmente significa 'o que dorme ao lado', ou ' mantém ao lado' do governador. O proprietário deste cargo normalmente era uma figura fundamental no regime imperial, e foi ocupado por tais indivíduos famosos como Samonas, Constantino o Paflagoniano e Basílio Lekapeno. Os outros nove cargos incluíram tais esferas como prestar atenção ao guarda-roupa do imperador, prestar atenção nas mesas imperiais, e cuidar da segurança dos palácios imperiais. Estes cargos eram conservados só a eunucos, eles não puderam ser preenchidos pela contraparte não-castrado deles (quem Philotheos designa como 'barbudo'), entretanto parece que esta exclusividade pode às vezes ser quebrada. O caso mais famoso disto é a ocupação do alto cargo de castrado de parakoimomenos por Basílio o Macedônio, um cargo ele ocupou antes de Michael III vistoso (842-67) o co-imperador e adotado filho em 866, e último sucessor em 867 (Guilland, 2007).

Tougher afirma também que na Antigüidade tardia a figura do já citado grande camarista de corte era uma pessoa a ser considerada. Constantino Pofirogênito, no *De Administrado Império*, apresenta uma grande quantidade de camaristas de corte, no fragmento a seguir podermos observar os nomes de alguns dos dignitários da função, o que nos permite exemplificar a sua importância ao interceder por alguém junto ao imperador:

No tempo do imperador Theophilus [829-842] Scholasticius o guardião da porta foi camareiro, e no tempo de Michael [842-867], filho de Theophilus, o patrício Damian foi camareiro e depois dele, no mesmo reinado, Basílio, o imperador amado em Cristo, foi camareiro. No tempo de Basílio [867-886], o soberano amado em Cristo, não houve nenhum camareiro durante todo o seu reinado. No tempo de Leo [886-912], o soberano amando de Cristo, o patrício Samonas foi camareiro e depois dele, no tempo do mesmo imperador, o patrício Constantino. No tempo de Alexandre o imperador, o patrício Barbatus foi camareiro; e no tempo de Constantino, o amado em Cristo, o patrício Constantino, mencionado no tempo do soberano Leo, foi novamente camareiro; e no tempo do soberano Romanus, o patrício Theophanes; e no segundo reinado de Constantino, o patrício Basílio.

No tempo de Leo, o amando em Cristo e sempre-memorável imperador, viveu o falecido Ktenas, clérigo idoso de grande riqueza, que era Chantre da Nova Igreja e foi hábil no canto como nenhum outro naquele tempo. Este mesmo Ktenas pediu ao patrício Samonas, que era naquele tempo camareiro, para interceder por ele junto ao imperador de forma que ele pudesse ser feito protospatharius, pudesse usar a camisa e pudesse ir em procissão ao Lausiacus e tomar seu assento como protospatharius e ser receber um estipêndio de uma libra, e em relação a esta remuneração pudesse [ele] dar ao imperador quarenta libras. Mas o imperador não se poderia ele mesmo fazer isto, dizendo que estava fora do seu poder, e "para grande desgraça da minha majestade imperial se um clérigo se torna protospatharius". Ouvindo isto do patrício Samonas, este mesmo Ktenas acrescentou às quarenta libras um par de brincos avaliados em dez libras e uma mesa de prata com animais em relevo a ouro, também avaliada a dez libras. E o imperador, procurado pela solicitação do patrício Samonas, o camareiro, tomou as quarenta libras de ouro e o par de brincos e a mesa com seu ouro e sua prata, de forma que o total presente total do mesmo Ktenas subiu para sessenta libras. Então o imperador o fez protospatharius, e ele recebeu um estipêndio na ocasião de uma libra. Depois de ser honrado com o cargo de protospatharius este mesmo Ktenas viveu dois anos e então morreu; e ele recebeu um estipêndio de uma libra para cada um dos dois anos. <sup>32</sup>

In the time of Leo, the Christ-loving and ever-memorable emperor, lived the late Ktenas, an aged cleric of great wealth, who was precentor of the New Church and was skilled in singing as was no

In the time of the emperor Theophilus. Scholasticius the door-keeper was chamberlain, and in the time of Michael, son of Theophilus, the patrician Damian was chamberlain and after him, in the same reign, Basil, the Christ-loving emperor, was chamberlain. In the time of Basil, the Christ-loving sovereign there was no chamberlain during all his reign. In the time of Leo, the Çhrist-loving sovereign, the patrician Samonas was chamberlain and after him in the time of the same emperor, the patrician Constantine. In the time of Alexander the emperor, the patrician Barbatus was chamberlain; and in the time of Constantine, the Christ-loving sovereign, the patrician Constantine, mentioned before in the time of the sovereign Leo, was chamberlain again; and in the time of the sovereign Romanus, the patrician Theophanes; and in the second reign of Constantine the patrician Basil.

Guillou, discorrendo sobre o pagamento dos funcionários imperiais, afirma que somente os dignitários que viviam em Constantinopla recebiam as retribuições, uma espécie de pagamento de salário, através de um ritual no palácio imperial enquanto a que maioria dos funcionários auferia-as onde trabalhavam. Através da descrição de uma dessas cerimônias áulicas, que segundo o autor tinha a duração de três dias, que era a distribuição das retribuições no século X, narrada por Liutprando, embaixador do imperador Otão I junto a Constantino VII, podemos perceber um pouco da organização hierárquica bizantina no período. Através da ordem de entrada dos ocupantes dos cargos destinados a eunucos podemos perceber sua posição nesta hierarquia:

Sobre a mesa de dez cúbitos de comprimento e quatro de largura estavam dispostas bolsas cheias de moedas de ouro e em cada uma das bolsas haviam sido traçados sinais indicativos da pessoa a quem estava destinada. As várias pessoas desfilavam diante do imperador na maior ordem, sendo chamadas sucessivamente segundo a dignidade do seu cargo. O primeiro a ser chamado foi o reitor do Palácio, que recebeu os sacos de moedas de ouro, não nas mãos, mas sobre os ombros, com quatro mantos cerimoniais [chamados *skaramangia*]. Seguiram-se o *domestikos* das escolas e o drungário da frota: o primeiro é chefe dos soldados, o segundo dos marinheiros. Sendo de igual categoria, estes receberam igual quantidade de moedas de

(

other at that time. This same Ktenas besought the patrician Samonas, who was at that time chamberlain, to intercede for him with the emperor so that he might be made protospatharius and wear the shirt and go in procession to the Lausiacus and take his seat as protospatharius and receive a stipend of one pound, and in respect of this remuneration might give the emperor forty pounds. But the emperor could not bring himself to do this, saying that it was out of his power, and «to the great disgrace of my imperial majesty if a cleric becomes protospatharius». On hearing this from the patrician Samonas, this same Ktenas added to the forty pounds a pair of ear-rings valued at ten pounds, and a silver table with animals on it in gold relief, also valued at ten pounds. And the emperor, besought by the request of the patrician Samonas, the chamberlain, took the forty pounds of gold and the pair of ear-rings and the table with its gold on silver relief work, so that the total gift of the same Ktenas amounted to sixty pounds. Then the emperor made him protospatharius, and he received a stipend on that occasion of one pound. After being honored with the rank of protospatharius this same Ktenas lived two years and then died; and he received a stipend of one pound for each of the two years. (D. A. I., 1967, p. 245, tradução do autor)

ouro e de *skaramangia*. Mas a quantidade de objetos recebidos era tão copiosa que não podiam carregá-los às costas, arrastando-os a custo e com a ajuda do seu séquito. Foram depois admitidos os vinte e quatro magistroi, tendo recebido cada um vinte e quatro libras ouro e dois *skaramangia*. Veio em seguida a ordem dos patrícios, cada um dos quais recebeu doze libras ouro e um *skaramangia*. De quantos se seguram e do número de moedas distribuídas ignoro a ordem e o montante. Em resposta à chamada, viu-se desfilar uma imensa multidão de protospatários, espatarocandidatos, Koitônitai, manglabitai, prôtokaranboi, recebendo cada um deles segundo a sua categoria sete, seis, cinco, quatro, três, duas, uma libra ouro... A cerimônia teve início no quinto dia da semana da páscoa e repetiu-se no sexto e sétimo com uma duração de uma a quatro horas por dia. Quanto aos que têm direito a um tratamento inferior a uma libra ouro, recebem o que lhes é devido, não das mãos do imperador, mas de um camareiro. A cerimônia da distribuição prolonga-se pela semana que precede a Páscoa. (GUILLOU, [19--], p. 205-6)

Marindale define *rektor* como um funcionário frequentemente remetido a um específico território (a Sicília, Calábria ou terras papais) ou às vezes como gerente de um patrimônio. Afirma que *domestikos* pode ser um título eclesiástico, civil ou militar, que *protospatarios* é uma alta dignidade, (primeiro *spatario*) com sociedade do senado. Não definindo as outras funções do parágrafo anterior. (P. B. E., 2001) Já pela definição de koiton feita pelo O. D. B. e que discutimos anteriormente, acreditamos que Koitônitai sejam o cubiculários.

O papel desempenhado pelos eunucos na hierarquia civil em Bizâncio é considerado por Guilland como mais importante que o papel desempenhado por eles no exército. Ele afirma que os soberanos estavam acostumados a ver um possível pretendente ao trono em todo homem se tornasse proeminente. Por outro lado, sentiam-se seguros com eunucos porque, mesmo atingindo grande honra e poder, nunca poderia sonhar em vestir a púrpura, especialmente se eles fossem de origem humilde, o que freqüentemente foi o caso. O eunuco que não mais obtivesse o favor poderia ser facilmente descartado sem que isso causasse problema no estado ou no palácio. Além

disso, eles tiveram reais méritos e foram repetidas vezes ministros fortes e bons administradores. <sup>33</sup>

Tougher afirma que o uso dos eunucos no serviço imperial não se limitou ao exclusivo serviço de palácio. Diferentemente dos barbudos, que raramente ocupavam os cargos destinados aos eunucos, a esses estavam abertos todos os outros postos administrativos. Reservando, aos homens inteiros os cargos de strategoi, eparch e doméstico (o qual teve vários tipos). Apesar de tal proibição, os eunucos no serviço imperial tinham uma gama extensiva de funções aberta a eles, uma gama que excedia em muito àquelas da contraparte dos 'barbudos'.<sup>34</sup>

Guilland discorre sobre vários eunucos que possuíram grande poder na administração bizantina. Podemos perceber em alguns desses relatos a manipulação exercida pelos eunucos sobre o soberano. Entre eles destaca-se, por exemplo, Eutropius, o único castrado a se tornar um cônsul, exercendo uma verdadeira ditadura sob Arcádio (395-408). Este eunuco se tornou o senhor absoluto do palácio, mantendo até mesmo o imperador sob o seu controle. Aparentemente praepositus, tornou-se cônsul em 399, contrariando toda a tradição. Mas seus vícios, a sua crueldade, e os seus atos de violência ganharam muitos inimigos. O general godo Gainas exigiu que o eunuco lhe

<sup>&</sup>lt;sup>33</sup> On the other hand, they felt safe with eunuchs, who, even if they attained the height of honor or power, could never dream of putting on the purple (Evagrius IV 2: PG 86, 2704), especially if they were of humble origin, which was often the case. A eunuch who no longer held favor could be easily gotten rid of, without it causing trouble in the state or in the palace. Moreover, eunuchs had real merits and were often strong ministers and good administrators. (GUILLAND, 2007)

Despite this bar it is thus clear that eunuchs in the imperial service had a wide range of functions open to them, a range in fact far exceeding those of their 'bearded' counterparts. (TOUGHER, 1997, p.172)

fosse entregue. Abandonado pelo imperador, Eutropius buscou refúgio na Santa Sophia e procurado por ódio público, ele teria sido massacrado se não fosse salvo por São João Chrysostomus. Ele foi exilado para Chipre e foi executado pouco depois, apesar das promessas que tinham sido feitas a ele. Em seu sermão, São João Chrysostomus justapôs eloqüentemente a alta fortuna e queda terrível de Eutropius.<sup>35</sup>

Baynes afirma que durante o governo do imperador imediatamente posterior a Arcádio, seu filho Teodósio II (408-450), de 441 até poucos meses antes da morte desse imperador, o eunuco Crisáfio foi o dono de Constantinopla. (BAYNES, 1996, p.33) Guilland afirma que Theodosius II, sua vida inteira tolerou a dominação de eunucos. Sendo educado por eles, permaneceu dócil e foi tratado por eles como uma criança. Mesmo aos cinqüenta anos de idade ele aceitou as ordens deles e Crisáfio exerceu o poder supremo. O autor afirma ainda que os filhos de Maurício (582-602) tiveram como preceptor Stephanus, um eunuco. Esta afirmação é relevante para nossa

\_

The famous Eutropius, the only eunuch to become a consul, exercised a veritable dictatorship under Arcadius. After being dismissed by Rufinus, Eutropius became the absolute master of the Grand Palace (Zosimus 256 f.), even keeping the ruler himself under his control (id 261). It appears that Eutropius was the praepositus (Socr. VI 2: PG 67, 674 and Sozom. VII 2: PG 67, 1520). Appointed consul in 399, against all tradition, and titled patrician, Eutropius was all-powerful (Zosimus 268). But his vices, his cruelty, and his acts of violence earned him many enemies. The Goth general Gainas demanded that Eutropius be handed over to him. Abandoned by the emperor, Eutropius sought refuge in the Hagia Sophia. Pursued by public hatred, he would have been massacred if not for Saint John Chrysostomus's saving him. Eutropius was exiled to Cyprus, but was executed not long afterwards, in spite of the promises that had been made to him (Zosimus 268-269). In his homily on Eutropius, Saint John Chrysostomus eloquently juxtaposed the high fortune and terrible fall of Eutropius (Sozom. VIII 7). The poet Claudian gives interesting details about the life of Eutropius, whom he overwhelms with curses and whom he reproaches above all for his being a eunuch (see Boak and Dunlap, id, pp. 272-284). (GUILLAND, 2007, tradução do autor)

pesquisa, pois ilustra-nos como desde criança os prováveis governantes sofriam a influência dos eunucos.

Como já afirmamos anteriormente, vários foram os eunucos cuja proximidade do poder lhes fizeram cair em desgraça, sendo muitas vezes presos, torturados exilados ou mesmo assassinados. Exemplificando melhor tal desfecho usaremos a trajetória de Stephanus, feita por Guilland, que revela também as várias personalidades presentes no grupo representados pelos eunucos demonstrando-o tão heterogêneo em comportamento como qualquer outro. O que nos atenta para a percepção de que os castrados deveriam no período estudado ser um grupo de pessoas que muitas vezes tinham como única característica comum o fato de serem castrados. Em nossa sociedade contemporânea podemos mencionar como exemplo qualquer grupo profissional, racial ou sexual em que nada na personalidade individual dos seus componentes os torna parecidos uns com os outros:

Sob Justiniano II, o grande eunuco Stephanus o persa, tesoureiro imperial, era todo-poderoso. Ele era uma pessoa má e cruel que até mesmo ousou assaltar a Imperatriz Mãe Anastásia [...] As ações dele contribuíram muito a fazer as pessoas se revoltar contra o soberano [...] Depois da queda e mutilação de Justiniano II, a população agarrou Stephanus e o conduziu pelas ruas da capital para o Fórum do Boi onde ele foi queimado vivo. [...] Após sua restauração, Justiniano II não foi menos confiante em eunucos. Ele confiou ao cubiculário castrado Theophylactus a missão de escoltar a imperatriz Teodora e o filho dela Tibério a Bizâncio[...] Eunucos não foram invariavelmente ímpios como Crisáfio, brutais como Stephanus o persa, ávidos como Eutropius, ou conspiradores como Amantius. Havia entre eles os homens virtuosos, leais particularmente às suas convições religiosas. Durante conflito sobre o iconoclasmo, muitos eunucos altamente colocados preferiram desgraça e tortura em lugar de trair sua fé. No entanto, eunucos estiveram igualmente ao serviço dos governantes iconoclastas.<sup>36</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> Under Justinian II, the grand eunuch Stephanus the Persian, imperial treasurer, was all-powerful. He was a wicked and cruel person, who even dared to assault the Empress Mother Anastasia (Nic. 42). His actions contributed much to making the people rise up against the ruler (Theoph. 562). After the fall and mutilation of Justinian II, the populace seized Stephanus and led him through the streets of the capital to the Forum of the Ox, where he was burned alive. (Theoph. 566). After his restoration,

Um grande momento dos eunucos na administração imperial ocorreu durante o reinado de Irene (797-802), como já mencionamos anteriormente, sob cujo governo, gravitou um exame de eunucos com vários deles ocupando altas posições administrativas. Dentre eles os que mais se destacaram foi Staurakios e Aetius (GUILLAND, 2007).

Já Lynda Garland expõe de forma mais detalhada os acontecimentos deste período e nós procuramos extrair do seu texto a relação entre Staurakios e Aetios e a disputa deles pelo poder. Podemos perceber através das suas afirmações que os eunucos nessa disputa, interferiram até mesmo quanto a uma possível união entre Bizâncio e o Império Carolíngio, relembrando assim a unidade imperial da antigüidade. A morte do filho de Irene tinha mudado a dinâmica do poder da corte e sua administração foi então marcada pela rivalidade entre os eunucos supracitados, ambos tentando assegurar aos parentes o império após a morte da governante. Quando ela caiu gravemente enferma em maio de 799 a rivalidade na corte se intensificou.

Aetios e o doméstico Niketas Triphylos informaram à imperatriz que Staurakios estava objetivando a posição de imperador. Irene realizou um conselho de estado no palácio de Hiereia, mas apenas repreendeu e ameaçou Staurakios, que desculpou-se e preparou-se para proteger suas costas no

Justinian II was no less reliant on eunuchs. He entrusted to the eunuch cubicularius Theophylactus the mission of escorting the empress Theodora and her son Tiberius to Byzantium (Theoph. 575).

Eunuchs were not always impious like Chrysaphius, brutal like Stephanus the Persian, rapacious like Eutropius, or conniving like Amantius. There were among them virtuous men, loyal in particular to their religious convictions. During the fight over iconoclasm, many highly-placed eunuchs preferred disgrace and torture rather than to betray their faith. Nonetheless, eunuchs were no less in the service of the iconoclastic rulers. (GUILLAND, 2007, tradução do autor)

futuro. Em fevereiro de 800, como parte de sua vingança contra Aetios e Niketas, ele planejou uma rebelião subornando a guarda imperial com dinheiro e presentes. Embora nenhum eunuco tenha já sido imperador, ele parece ter acalentado ambições imperiais em seu direito próprio. Consciente da situação, Irene convocou outro conselho de estado no Grande Palácio e proibiu qualquer contato com ele. A estabilidade governamental dependia então precariamente da oposição das igualmente poderosas facções de Aetios (então strategos dos anatólicos), aliado com Niketas e de Staurakios. Apesar de a situação ser resolvida quando Staurakios caiu fatalmente doente, tossindo sangue, ele se recusou esquecer seu sonho de majestade, uma vez que tinha sido convencido por médicos, monges e magos que viveria para ser imperador e iniciaria uma revolta contra Aetios. no meio das suas próprias tropas, na Capadócia(Os bizantinos acreditavam intensamente em profecias). Staurakios morreu em junho e não assistiu os rebeldes, seus aliados, serem detidos e exilados. O governo estava obviamente decaindo não apenas quanto ao exército nas em toda a administração, perturbada em um estado de casos onde eunucos estavam abertamente brigando pelo trono e trapaceando por apoio e poder na corte.

O prestígio de Irene ficou extremamente abalado até mesmo muito distante, no Ocidente, tendo sido nesse clima de uma mulher no trono de Constantinopla que Carlos Magno foi coroado imperador, no Ocidente, em dezembro de 800. Após coroado e depois de considerar uma expedição contra

a Sicília Carlos Magno mudou de idéia e decidiu-se casar-se com Irene, coisa que jamais aconteceu.

Aetios estava então basicamente encarregado do governo e forças armadas. Entre 801 e 802 Aetios tentou transformar em imperador o seu irmão Leo e nomeou-o *monostrategos* da Trácia e Macedônia, enquanto ele próprio controlava os temas asiáticos dos Anatólicos e de Opsikion. Aetios triunfou sobre os árabes em 800, mas no próximo ano foi derrotado. Os temas comandados eles eram estrategicamente próximos à capital do Império e representavam mais que um terço das tropas imperiais.

Seguro de sua posição Aetios livremente insultou outros oficiais e humilhou dignitários em posições de autoridade. Um desses oficiais era claramente Nikephoros, ministro financeiro de Irene.

É nesse clima de intrigas e oposições que chegam a Constantinopla os embaixadores de Carlos Magno e Papa Leo, propondo o casamento de Carlos com Irene, num sonho de união dos dois impérios. Tal proposta poderia saciar não apenas a temerosa burocracia bizantina com as intenções de Aétios, como também Irene parece ter ficado feliz por consentir, mas foi impedida Aetios, que decidiu ao contrário em seu e estava tentando usurpar o poder em nome de seu irmão. Enquanto os embaixadores de Carlos Magno estavam ainda na cidade, no amanhecer de 31 de outubro de 802, Nikephoros, o ministro de Irene mencionado acima, assumiu o poder apoiado por conspiradores de alto nível, incluindo o supracitado Niketas Triphyllios. Irene estava então no seu

palácio de Eleutherios. Eles enganaram os guardas no portão fazendo-os acreditar que Aetios estava forçando a imperatriz à proclamar Leo como imperador. Convenceram-nos de que ela tinha chamado Nikephoros para proclamá-lo imperador, impedindo o plano de Aetios. Os guardas participaram de boa vontade na cerimônia. O palácio de Eleutherios foi cercado e no romper do dia a imperatriz foi enviada para o Grande Palácio onde ficou detida. Nikephoros foi então coroado em Santa Sofia. A rebelião parece ter sido provocada pelos temores que o muito repugnado eunuco Aetios colocasse no trono seu irmão antes que Irene pudesse aceitar a proposta de casamento dos francos (GARLAND, 1999, p. 88, 89 e 90).

Outro momento singular do poderio dos eunucos presentes na descrição cronológica, feita por Guilland, sobre a influência deles durante todo o milênio bizantino ocorre sob Michael IV o Paflagoniano (1034-1041). O autor afirma que nesse período s eunucos se tornaram os personagens principais do império. A família imperial era uma família de eunucos. Michael IV teve quatro irmãos, sendo três eunucos: Constantino, George, e João. No entanto autor menciona também que Isaac I Comneno (1057-1059) e seus sucessores não parecem ter sido dominados pelos eunucos. Ainda que numerosos no palácio, não intervieram no joga do poder, ficando contentes com intrigas.

O autor afirma ainda que durante o curto reinado de Nicephorus III Botianates (1078-1081) eunucos parecem ter sido afastados de negócios públicos. Mas eles permaneceram poderosos na corte. Isaac (1057-1059) e

Aleixo (1081-1118) Comneno buscaram o apoio dos eunucos do *gynaeceum* para assegurar a proteção da imperatriz. Tal fato indica que os imperadores continuaram a depender de eunucos demonstra que permaneceram poderosos nos séculos XI e XII. (GUILLAND 2007)

## II – 3. O eunuco e a Igreja

Os eunucos estiveram ligados às igrejas desde os primórdios (Cf. p. do nosso trabalho) e em Bizâncio estiveram sempre ligados aos mosteiros e, como já afirmamos, muitos deles chegaram inclusive a função de patriarca, o posto maior dentro da hierarquia religiosa bizantina.

Vera von Falkenhausen afirma que o cargo diocesano nas suas grandes linhas, nos cânones eclesiásticos e nas leis seculares do mundo tardo-antigo tinha como definição a eleição do bispo pelo clero e pelos notáveis de sua diocese, confirmado pelo metropolita competente e consagrado por dois ou três bispos da mesma circunscrição metropolitana. Ele não devia ser casado e, preferencialmente, ser privado de filhos e netos. O postulado da castidade se devia ao temor de enriquecimento dos herdeiros carnais à custa do patrimônio e das funções eclesiásticas. Por não se poder servir a dois senhores, encargos estatais, tanto civis quanto militares ou até outras atividades seculares eram vedadas ao clero. "No entanto, a legislação justiniana atribuía ao bispo determinadas funções de controlo sobre a administração estatal." (FALKENHAUSEN, 1998, p. 171) Podemos inferir disso que exigência do

celibato naturalmente se tornava um caminho aberto para os eunucos na vida da igreja.

Funções de destaque na administração eclesiástica são: o sincélo, que devia impor-se aos metropolitas e podia ser incumbido de missões políticas importantes, o grande ecônomo, que geria o patrimônio temporal do patriarcado, o grande sacelário, controlava a ordem e a disciplina dos mosteiros, o grande skeuophylax, guardião dos objetos sagrados, paramentos e livros litúrgicos, e do tesouro patriarcal, o grande chartophylax, arquivista e bibliotecário patriarcal, "cujo papel cresceu incessantemente; autenticando documentos patriarcais e verificando a precisão das cópias e das traduções dos livros da biblioteca, acabou por ter o direito de controlar todos os gabinetes do patriarcado" e por último o sakellarios, que controlava as igrejas paroquiais e seus encarregados. Metropolitas e bispos, respectivamente à frente de metrópoles e de dioceses sufragâneas, eram os administradores eclesiásticos na província. Segundo o autor, já no século XI, aparecem dinastias familiares de altos funcionários com quatro possíveis carreiras, a administração civil, a corte, o exército e a Igreja. No século XIV, os notáveis consideraram que os postos de responsabilidade lhes cabiam por direito. (GUILLOU, 1998, p. 203210-11 e 214) Como ao longo da história os imperadores foram cercados por eunucos e alguns desses acabaram se tornando Patriarcas pela intervenção do soberano, podemos inferir que tais cargos foram ocupados por eunucos.

Falkenhausen afirma que o bispo deveria ser celibatário, possuir cultura, uma consciência social para perceber as necessidades e os problemas da sua diocese e, sobretudo, grande coragem e autoridade pessoal para intervir, quando necessário, contra abuso de poder das autoridades públicas e da classe dirigente local. Além disso, segundo a autora, os metropolitas possuíam a mesma instrução dos juízes e outros funcionários do Estado e, como eles, eram colocados nas cidades designados pelo imperador. A cultura do alto clero equivalia à média da elite bizantina e, consoante os casos e as épocas, estando sujeita às mesmas oscilações. O bispo não podia combater nem matar, não existindo um equivalente do prelado guerreiro, típico da Europa Ocidental na Idade Média, e a sua arma principal era a liberdade de palavra (parrhêsia) diante dos poderosos, que podiam ser imperadores ou os chefes dos exércitos inimigos, dos cobradores de impostos ou juízes locais, militares e aristocratas. Nem todos eles eram cultos. Exemplo relevante para nós, por mostrar um caso não raro do parentesco entre um eunuco ocupante de um cargo eclesiástico e um imperador, é o do metropolita de Nicomédia, o eunuco Antânio Paques. Ele era sobrinho do imperador Miguel IV (1034-1041) e era considerado rude e inculto assim como foram também considerados rudes e ignorantes outros parentes desse imperador que ascendeu ao trono vindo de origens muito modestas mas ocuparam posições eminentes na administração imperial. (Von FALKENHAUSEN, 1998, p.174-5 e 178)

Pudemos localizar um caso da vida de uma santa confundida com o eunuquismo. Trata-se do caso da Maria conhecida também como Marinos, cuja versão original está na *vita antiqua* escrito por volta do século VI ou VII. Sua trajetória inclui passar por homem em um mosteiro masculino para continuar ao lado de seu pai, que queria se tornar um monge após a morte de sua esposa. A filha é confundida com um eunuco por alguns de seus colegas de mosteiro, o que não a impede de ser acusada de engravidar uma jovem. Esta acusação só é desmentida após sua morte quando ao despirem-na para prepará-la para o enterro os monges descobrem que se tratava de uma mulher.

O <pai>, depois de distribuir todas as suas posses entre os pobres, seguiu o conselho de sua filha e cortou o cabelo da cabeça dela, a vestiu na vestimenta de um homem, e mudou o seu nome para Marinos. E ele instruiu-a dizendo, "Criança, dê atenção a sua conduta, pois você está a ponto de entrar no meio do fogo, porque uma mulher de nenhuma maneira entra num mosteiro <masculino> Preserve-se portanto sem mácula diante de Deus, para que possamos cumprir nossos votos". E tomando sua filha, ele entrou no mosteiro cenobítico. Dia após dia, a criança avançou em todas as virtudes, em obediência, em humildade e em muito asceticismo. Após ter vivido dessa maneira durante alguns anos no mosteiro. <alguns dos monges> consideraram-na como um eunuco, pois ela era imberbe e de voz delicada. 37

A citação acima nos permite perceber o aspecto importante para nós, que é a presença dos eunucos nos mosteiros onde as mulheres nunca entravam.

Uma mulher se passando por homem acabou sendo identificada como um

3

<sup>&</sup>lt;sup>37</sup> The <father>, after distributing all his possessions among the poor, followed the advice of his daughter and cut off the hair of her head, dressed her in the clothing of a man, and changed her name to Marinos.21 And he charged her saying, "Child, take heed how you conduct yourself, for you are about to enter into the midst of fire, for a woman in no way enters a <male> monastery Preserve your self therefore blameless before God, so that we may fulfill our vows." And taking his daughter, he entered the cenobitic monastery. Day by day, the child advanced in all the virtues, in obedience, in humility and in much asceticism. After she lived thus for a few years in the monastery. <some of the monks> considered her to be a eunuch, for she was beardless and of delicate voice. (TALBOT, Alice Mary (tr. e ed.). *Holy Women of Byzantium: ten saint's lives*. Washington: Dumbarton Oaks, 2006. p.7 e 8. Tradução do autor)

eunuco por ser imberbe e afeminado. Um outro aspecto importante diz respeito à delicada questão das fontes na história bizantina, particularmente no que diz respeito à utilização das vidas de santos as quais, apesar de majoritariamente lendárias são utilizadas, são usadas cada vez mais freqüentemente, pois podem fornecer informações preciosas para o social, o político, o econômico e o cultural.

Outra passagem que pudemos encontrar onde se menciona a presença de um eunuco em um mosteiro é a descrição do segundo milagre atribuído santa Thomaïs da ilha de Lesbos do século X:

Um certo homem morou uma vez no monastério nomeado depois de Ankourios ". Ele era um castrado, <e> o nome dele era Constantino. Por muitos anos o acorrenta de salto de paralisia ele, como quem diz, e o fez sofrer como o homem <nos Evangelhos> que foi paralisado durante trinta e oito anos.<sup>38</sup>

Uma longa tradição na Igreja bizantina foi que geralmente, os bispos bizantinos iniciaram a sua carreira eclesiástica como monges ou passaram parte da vida no mosteiro. Segundo Falkenhausen, o facto de tantos bispos terem vindos das fileiras monásticas se baseava na concepção bizantina de que a via que conduzia diretamente a Deus passava pela ascese monástica. Depois que a religião cristã foi oficialmente reconhecida no império romano, acabaram as possibilidades de martírio, a via da perfeição mais segura era então o martírio voluntário nos mosteiros que, recusando os prazeres carnais e

67

<sup>&</sup>lt;sup>38</sup> A certain man once lived in the monastery named after Ankourios." He was a eunuch, <and> his name was Constantine. For many years the fetters of paralysis bound him, so to speak, and made him suffer like the man <in the Gospels> who was paralyzed for thirty-eight years. (TALBOT, 2006, p. 310. Tradução do autor)

confortos do mundo e levando uma vida contemplativa consagrada a Deus. O bispo provava assim que bem podia agir segundo a vontade de Deus:

Foi neste sentido que os primeiros Padres da Igreja (Basílio e Gregório de Nissa) interpretaram, por exemplo, a vida de Moisés, que depois de longos anos passados no desterro, viu Deus na sarça ardente, e desempenhou a sua missão entre seu povo. A base monástica conferia, pois, autoridade espiritual ao bispo. Havia ainda um motivo de simples ordem prática: enquanto o baixo clero bizantino era geralmente casado, **o cargo episcopal exigia o celibato**: os candidatos que respondiam a este requisito contavam-se sobretudo entre **frades e eunucos**. (FALKENHAUSEN, 1998, p.186)

Além dos cargos administrativos imperiais, os eunucos estavam ligados aos serviços religiosos e desempenharam papel importante nos mosteiros femininos. Walter afirma que a função tão importante de ecónomo, respomsável por toda a administração teporal da comunidade, ao invés de ser cofiada a uma religiosa, era preenchida por um homem que, obrigatoriamente, devia ser um eunuco. Igualmente tinha acesso ao interior do convento um confessor e um médico, ambos eunucos (WALTER, [19--], p.91-3).

Também Guilland afirma que certas funções nos conventos das mulheres eram confiadas a eunucos, tais como os cargos de mordomo e vicemordomo que foram ocupados sempre por eles e que havia mosteiros exclusivos para os eunucos (GUILLAND, 2007). Através dos documentos de fundações monásticas, *Byzantine nonastic foundation documents*, podemos observar que, apesar da grande quantidade de eunucos presentes nos mosteiros e de haver mosteiros reservados a eles, houver também tentativas de barrar sua entrada nos mesmos, com a justificativa de salvaguardar a pureza moral dos monges. E quando há proibição, é porque o fato ocorre.

Todos os três autores compartilharam uma preocupação para salvaguardar a pureza moral dos seus monges os conservado de tentação sexual, mas eles discordaram identificando a ameaça mais óbvia. O autor de (22) Evergetis temeu principalmente as mulheres, enquanto as excluindo de participação em distribuições caridosas diárias [38] e de visitar a fundação em outras ocasiões [39] com exceção dessas que simplesmente não puderam ser excluídas por causa da sua eminência e nobreza. (23) Pakourianos [23] não permitia as mulheres ter acesso à fundação, exceto no banquete do Dormition. Porém, este autor preocupou mais sobre eunucos e meninos jovens, quem ele proíbe [...] do seu monastério embora ele também monte [...] uma escola separada para alguns dos últimos onde eles pudessem ser treinados para se tornar os padres. Ambos os autores tiraram do Studite e tradições subseqüentes de Athonite para estas proibições, mas puxou conclusões diferentes sobre as quais sexo posou o maior problema. Levando uma posição mais extrema, Christodoulos, como nós vimos, tentou proibir todos os homens casados, as esposas e as crianças deles, o acesso à ilha de Palmos onde a fundação dele ficava situada.<sup>39</sup>

Além dos eunucos encontramos também a proibições a imberbes crianças e mulheres, tal como este questionamento elencado por Walter:

Esta ilha, nesse tempo selvagem e deserta, fora oferecida pelo imperador Aleixo Comneno, a instâncias de sua muito piedosa mãe, ao monge Cristódulo, esse São Bernardo bizantino, <<pre>erpetuamente, enquanto o mundo existir>>> para fundar ali uma comunidade monástica.
Por pedido expresso de Cristódulo, foi especificado no acto da doação imperial que o acesso da ilha seria formalmente interdito << aos imberbes, às mulheres, às crianças e aos eunucos, que estão tantas vezes na origem das tempestades da alma (WALTER, [19-?], p. 101-2).

Encontramos aqui um testemunho típico do perigo da atração sexual para a vida monástica. Esclarecedor para a pesquiza é a citação abaixo, pois demonstra mais claramente que os imberbes eram jovens que ainda não tinha alcançado a puberdade e reforça esta questão de que a proibição tenha como objetivo preservar a castidade dos monges:

A crisobula para o terreno dirigiu-se para meu interesse tudo que eu havia pedido foi completamente satisfatório, com efeito de que ambas essas duas outras propriedades tal como eu as havia recebido e também a própria Patmos, a ilha inteira, fosse completamente aliviada, isenta de toda obrigação fiscal, e de toda servidão de qualquer tipo, tal como a crisobula mesma estabelece mais claramente e mais expressamente. [Ele estabelece] ainda que nenhum laico com as mulheres e crianças possa residir em Patmos, nem jovens no início de sua adolescência, antes que a barba apareca, nem eunucos.<sup>40</sup>

<sup>40</sup> The chrysobull for the lot turned out all I could wish for, all I had asked, completely salisfactory, to the effect that both such other properties as I had received and also Patmos itself, the whole island, were completely unburdened, exempt from all fiscal obligation, and from any servitude whatsoever, as the chrysobull itself sets forth more clearly and more expressly. [It laid down] further that no laymen with women and children might reside on Patmos, nor young men in their boyish prime, before their beard appears, nor eunuchs. (THOMAS e HERO (org.), [...], p.583, tradução do autor).

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> (THOMAS e HERO (org.), [...], p.447.

Apesar de tais interditos, podemos verificar através de Guilland, que a Igreja bizantina não rejeitou eunucos na hierarquia eclesiástica e regulou, através do Cânon I do Concílio de Nicéa (325) e através dos Cânones Apostólicos 21 e 22, a situação deles. O Cânon I, afirma que se alguém foi castrado por cirurgiões como resultado de uma doença ou por bárbaros poderá permanecer no clero. Mas se quando saudável mutilou-se, se estiver no clero deve ser afastado e a partir de então, não poderá ser promovidos ao clero. Cânon 21 autoriza a promoção daquele que nasceu eunuco ou se tornou um castrado pela violência dos homens ou como uma vítima de perseguição, se merecedor. O Cânon 22 proíbe o acesso a qualquer um que se mutilou. Assim, tal como já afirmamos anteriormente, a Igreja bizantina incluiu um número grande de eunucos no clero, entre eles patriarcas, metropolitas, bispos, no clero simples e entre os monges.

Guilland faz referência ao eunuco Narses que foi cubicularius e protospatharius e que, sob Justino II (565-578), construiu o monastério dos Katharoi, ("puros") que era especialmente reservado para eunucos. Afirma que este Narses criou numerosas fundações piedosas, hospícios, asilos, provavelmente também reservados para eunucos. E cita também Leo VI (886-912) que era dono do convento de São Lazaro, especialmente reservado para eunucos, construído no distrito de Topoi (GUILLAND, 2007). O dicionário O. D. B. também afirma que o mosteiro de São Lazaro em Constantinopla foi

70

reservado para eunucos por Leão VI. Afirma ainda que um certo Symeon organizou um synoikia (comunidade) de monges castrados (O. D. B., 1991, p. 747).

Parecem-nos lógica as disposições dos documentos de fundação de mosteiros específicos para eunucos e a proibição deles em mosteiros não especializados. Por outro, lado para o início do século XI, tais documentos revelam a presença perturbadora de jovens homoeroticamente (em inglês "homoerotically") atrativos até mesmo no monte Athos.<sup>41</sup>

Quanto aos patriarcas que eram eunucos, Guilland cita Germano I (agosto de 715 - janeiro de 730), Nicetas I (novembro de 766 - fevereiro de 780), Methodius I (março de 843 - junho de 847), Ignatius (julho de 847 - outubro de 858 e novembro de 867 - novembro de 877), Estevão II (junho de 925 - julho de 928), Theophylactus (fevereiro de 933 - julho de 956), Polyeuctus (abril de 956 – fevereiro de 970), Constantino III Likhoudes (fevereiro de 1059 - agosto de 1063) e Eustratius Garidas (1081 - 1084). E afirma que se tantos patriarcas foram recrutados entre eunucos, é natural pensar que eles também tenham sido designados enormemente aos altos prelados, metropolitas, arcebispos, e bispos.

A trajetória dos patriarcas supracitados revelam sua proximidade com o palácio imperial como, por exemplo, a de Ignatius. Ele era filho do Imperador Michael I Rhangabe (811-813) e irmão do imperador Nicephorus I (802-811).

<sup>&</sup>lt;sup>41</sup> Earlier in the eleventh century, our documents note the disruptive presence of homoerotically attractive youths in (9) *Galesios* [196] and on Mount Athos in (15) *Constantine IX* [1], [15]. (THOMAS e HERO, [...], p.512, tradução do autor)

Foi transformado em eunuco e tornou-se monge após a morte de seu pai, sendo depois designado ao trono patriarcal pela imperatriz regente Teodora. Outro exemplo é Theophylactus. Filho caçula Romano I Lecapeno (919-944), foi castrado enquanto muito jovem, foi feito clérigo, então um *syncellus* e foi ordenado diácono. Ainda aos dezesseis anos de idade, foi feito o patriarca de Constantinopla e permaneceu nesta posição durante 13 anos.

Guilland afirma que o patriarca Nicetas I era de origem servil eslava e totalmente analfabeto, sendo elevado ao trono patriarcal contra os cânones eclesiásticos pelo testamento de Constantino V (740-775), enquanto ele era um padre na igreja dos Santos Apóstolos. Tal afirmação é ressaltante, pois mostra a mobilidade entre a servidão e o mais alto cargo eclesiástico mesmo contra as leis da igreja. O fato de o patriarca eunuco ser analfabeto é, no entanto, exepcional. (GUILLAND, 2007).

Mas, como já afirmamos, a proximidade com o soberano foi às vezes prejudicial aos eunucos, e muitos deles acabavam trancados em mosteiros como monges. Um dos exemplos citados por Guilland é Antiochus, praepositus, patrício e preceptor de Theodosius II (408-450), a quem o imperador irritado forçou a entrar em ordens. Outro é Samonas<sup>42</sup>, o eunuco favorito de Leão VI (867-886), a quem o sucessor Alessandro (886-913) ordenou trancá-lo como monge no monastério de Martinakios.

Guilland mostra ainda o trânsito entre os vários setores da administração bizantina, onde se migrava, como percebemos ao longo da

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> Ver O. D. B., 1991, p. 1835.

pesquisa, da igreja para a administração civil ou mesmo militar, o que dificulta a divisão desses elementos administrativos (igreja, estado e exército) quando se realiza um estudo sobre Bizâncio. O autor afirma que os eunucos, graças à benevolência do imperador, conduziam brevemente os seus deveres de igreja, pois eram chamados para outras funções. Como exemplo cita o caso do castrado Nicephorus. Primeiramente padre, tirou veste eclesiástica para reentrar no mundo secular.

## II – 4. Os eunucos e as instituições militares

Steven Runciman afirma que a administração de Bizâncio relacionavase intimamente com suas forças militares, o que é bastante lógico tendo em vista a tumultuada vida militar de um império sempre assediado, pois estava cercado de inimigos. Sua existência dependia do controle adequado das nações que o cercavam, da eficiência e vigilância das forças armadas e de uma diplomacia incessante (RUNCIMAN, 1977, p. 108).

Segundo Baynes, a história romana é a história de seu exército e em nada Bizâncio é tão verdadeiramente herdeira de Roma do que sua política militar. (BAYNES, 1996, p. 106) Nos cargos militares os eunucos, como já dito anteriormente, desempenharam também um notável papel. Estudaremos aqui o exército bizantino, que juntamente com a marinha eram as instituições integradas num sistema de defesa em que as numerosas construções militares e

portos marítimos espalhados estrategicamente por todo o Império desempenharam papel decisivo.

Diehl apesar de não mencionar o termo eunuco, relata-nos a importância do exército na preservação de certa unidade territorial e ressalta a presença do eunuco Staurákios comandando um exército, o memo que já nos referimos anteriormente e que era eunuco. "No fim do século VIII a imperatriz Irene impunha também sua autoridade imperial aos eslavos da Grécia, contra os quais o ministro Staurákios comandou poderosa expedição militar." (DIEHL, 1961 p. 76-7)

Também Guilland destaca as atuações deste indivíduo: patrício e logoteta do Dromus, primeiro-ministro todo-poderoso de Irene, triunfante sobre os eslavos da Grécia, além de acompanhar o Imperador Constantino VI regularmente em suas campanhas (GUILLAND, 2007).

O já mencionado eunuco Aetius, unido a Nicephorus I, acabou sendo assassinado na grande batalha de 26 de julho de 811, em que também morreu o imperador. Lynda Garland afirma que o uso de eunucos por Irene para conduzir expedições importantes pode bem ter causado hostilidades entre as forças armadas (GARLAND, 1999, p. 76), o que nos permite inferir que isso possa ter em muito contribuído para o clima tumultuado do governo dessa imperatriz.

Baynes chama a atenção para o fato de no mundo medieval, apenas em Bizâncio o negócio da guerra foi tratado com sentido científico tendo cada

geração que enfrentar novos problemas e resolvê-los estudando-os de perto e conscienciosamente. A habilidade calculada era o que conduzia ao triunfo e não os números. Uma batalha consistia na disciplinada cooperação de várias unidades e não em uma escaramuça desordenada.

Os generais bizantinos não podiam permitir-se o luxo da paixão por uma cavalaria quixotesca. Eram demasiadas as coisas que dependiam da conservação de suas pequenas forças. Por isso a obrigação do chefe consistia em avaliar bem as condições favoráveis antes de aventurar-se a uma batalha. As fugas simuladas, os ataques noturnos, as emboscadas, as negociações, somente tinham por fim ganhar tempo. Fossem quais fossem os meios, na guerra tudo se admitia e era néscio o soldado que confiava à força o que a astúcia podia alcançar no fim da jornada. Treinamento, bravura, disciplina e orgulho profissional formavam as características do soldado bizantino [...]<sup>43</sup>

Guilland diz ser muito surpreendente o grande número de eunucos que foram generais e almirantes ao longo da história de Bizâncio, sobretudo após Justiniano I. Afirma que a razão para isto é que os imperadores achavam prudente confiar o comando principal dos seus exércitos a eunucos, a quem eles subordinavam generais experientes, pois, não necessitando assim temer o êxito de um eunuco, ao passo que um general vitorioso podia se tornar um perigoso pretendente ao trono (No século VI o grande general Belisário, vencedor dos germanos no Ocidente, caiu em desgraça diante do imperador Justiniano precisamente devido ao temor que este último tinha do poderoso prestígio do general). Porém, os soldados não parecem ter tido muita

<sup>&</sup>lt;sup>43</sup> Los generales bizantinos no podían permitirse el lujo de la pasión por una caballeria quijotesca. Eram demasiadas las cosas que dependían de la conservación de sus pequeñas fuerzas. Por eso la obligación del jefe estaba en percatarse bien de lo favorable de las condiciones antes de aventurase en una batalla. Las huídas simuladas, los ataques nocturnos, las emboscadas, las negociaciones, solamente tenían por objeto ganar tiempo. Feran cuales fueren los medios, en la guerra todo estaba admitido y era necio el soldado que fiaba a la fuerza que la astucia podía bridar al fin de la jornada. Entrenamiento, bravura, disciplina y orgullo profesional formaron las características del soldado bizantino. (BAYNES, 1996, p.113. Tradução: GIORDANI, 1968, p. 131)

confiança nestes generais eunucos que foram impostos a eles, e que os conduziu freqüentemente a derrotas. (GUILLAND, 2007)

O dicionário O. D. B. descreve a trajetória de um grande general eunuco, o já citado Narses, que sobre Justiniano obteve vários êxitos à frente do exército. A descrição nos permite observar mais uma vez o transito entre a administração civil e militar, além de discorrer sobre um dos maiores entre todos os generais da história bizantina:

NARSES, geral,; nascido em Persarmenia em 480 [...] ou 490 [...], morreu em Roma em 574. Depois de precoce vida na corte, Narses, um castrado, participou na supressão da Revolta de Nika. Como comissário imperial para Alexandria, ele removeu e exilou Gaianos e restabeleceu o seu rival Theodosios como patriarca em 535. Justiniano I o promoveu a praeposittis sacri cubiculi em 538 e o enviou para a Itália com um grande exército para derrotar os Ostrogodos. Rivalidades com Belisário permitiram aos Ostrogodos retomar Milão e resultaram no retorno de Narses à Constantinopla. Em 545 ele fez campanha contra os Antae na Trácia. Seis anos depois ele recebeu o comando supremo de todas as forças Bizantinas na Itália. Ele trouxe para a Itália outro exército que incluiu Hérulos que ele tinha recrutado. Fatalmente esmagaram Totila em Busta Gallorum em 552, e perseguiu os Ostrogodos retraindo o seu novo rei Teia em direção ao sul, até o monte Lactarius onde ele os derrotou decisivamente e sistematicamente reduziu as fortalezas ostrogodas restantes. Em 553-54 Narses repulsou uma invasão franco-alamânica da Itália pelos comandantes Leutharis e Butilinus. Narses ocupou a Itália do Norte, organizou as defesas e concluiu operações contra inimigos externos por volta de 562. Em 566 ele suprimiu uma rebelião de Hérulos. Em 567 ele foi afastado do comando do exército, contudo ele provavelmente permaneceu na Itália até sua morte. Narses era diplomaticamente hábil, operacionalmente e tacticamente eficiente, e, em tendências religiosas, provavelmente Monofisita. 44

\_

<sup>&</sup>lt;sup>44</sup> NARSES, general; born Persarmenia 480 (Agnellus, ch.y5, but sec Stein, Histoire 15:356) or 490 (A. Lippold, infra 870), died Rome 574. After early life at court, Narses, a eunuch, participated in the suppression of lhe Nika Revolt. As imperial commissioner to Alexandria, he removed and exiled Gaianos and restored his rival Theodosios as patriarch in 535. Justinian I promoted him to praeposittis sacri cubiculi in 538 and sent him to Italy with a large army to vanquish the Ostrogoths. Rivalries with Belisarios permitted the Ostrogoths to retake Milan and resulted in the recall of Narses to Constantinople. In 545 he campaigned against the Antae in Thrace. Six years later he received supreme command of all Byz. forces in Italy. He brought to Italy another large army, which included Herulians he had recruited, fatally crushed Totila at Busta Gallorum in 552, and pursued the retreating Ostrogoths and their new king Teia south to Mons Lactarius, where he decisively defeated them and systematically reduced remaining Ostrogothic strongholds. In 553-54 Narses repulsed a Frankish-Alamannic invasion of Italy by the chieftains Leutharis and Butilinus. Narses occupied northern Italy, organized its defenses, and concluded operations against external foes by 562. In 566 he suppressed a Herulian rebellion. In 567 he was removed from military command, yet he probably remained in Italy until his death. Narses was diplomatically skillful, operationally and tactically efficient, and, in religious sympathies, probably Monophysite. (O. D. B., 1991, p. 1438. Tradução do autor)

Guilland discorre sobre a trajetória de vários generais eunucos. Colocação dos eunucos a frente de exércitos tem geralmente o mesmo movimento e são identificados como eunucos pelos cargos que ocuparam antes de comandarem exércitos. Os eunucos encarregados como generais eram principalmente pessoas próximas do imperador e exerciam funções importantes no palácio imperial. Muitos dos eunucos colocados à frente dos exércitos não tiveram boa sorte. Por exemplo: O cubiculário Novianus, que foi colocado por Heráclio (610-641) como general encarregado de parar o avanço árabe no Egito, sendo derrotado e assassinado.

A trajetória de Theophanes citada abaixo, além de possibilitar a visualização da mobilidade dos eunucos, demonstra mais uma vez a importância deles no Império onde, segundo Guilland, o cargo exercido seria o bastante para afirmar tratar-se de um eunuco ou não:

Sob Romano I Lecapeno (919-944), o patrício Theophanes, um protovestiário, parakoimomenos e paradynastos, era bastante provável um castrado, porque no 10º século os altos cargos de protovestiário e parakoimomenos eram reservados para eunucos [...].Ele comandou a grande frota bizantina enviada contra a frota russa que estava ameaçando as margens do Bósforo. Ele teve uma dupla vitória naval e em recompensa pelos seus serviços foi designado parakoimomenos [...]<sup>45</sup>

Considerando que existiram vitoriosos eunucos comandando as forças militares, mas que a grande quantidade de comandantes eunucos tenham sido derrotados, podemos inferir disto uma provável consequência da falta de

77

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> (Under Romanus I Lecapenus (919-944), the patrician Theophanes, a protovestiary, parakoimomenos, and paradynastos, was quite likely a eunuch, because in the 10th century the high offices of protovestiary and parakoimomenos were reserved for eunuchs (Cedr. II 52, 725) [...] He commanded the great Byzantine fleet sent against the Russian fleet that was threatening the banks of the Bosporus. He won a double naval victory and in reward for his services was appointed parakoimomenos (Cedr. II 316 f.; Theoph. Cont. 423-426). (GUILLAND, 2007, tradução do autor)

treinamento, uma vez que o exército bizantino enfrentava os inimigos com uma quantidade de soldados relativamente pequena e dependia do estudo sistemático das técnicas de combate. Por terem muitas vezes como principal qualificação para a função o fato de serem próximos do soberano, esses eunucos provavelmente não tiveram as habilidades necessárias para alcançar as vitórias, embora muitos deles tenham sido exemplos bem sucedidos.

## **CONCLUSÃO**

Como procuramos demonstrar ao longo do trabalho, os eunucos desempenharam um papel relevante na administração do Império Bizantino, mas contraditoriamente, estudos sobre eles são escassos e as fontes nada dizem acerca de suas origens, os motivos de sua ascensão e sua presença em grande número no estado na igreja e no exército. Tal presença, a nosso ver, fica amplamente demonstrada tanto pelas fontes quanto pelos autores utilizados. Esta nos parece ser a maior contribuição desse estudo, afinal, partimos tão somente de uma afirmação contida no pequeno manual de Franco Júnior e Andrade Filho e ao final acreditamos poder ter demonstrado a intensidade e a importância vital dos eunucos da administração civil, na vida e na administração religiosas e na carreira militar.

Tal como imaginamos já no início da pesquisa, pudemos verificar que a questão sexual aflora explicitamente nos documentos monásticos.

Por outro lado, os dois tratados do imperador Constantino VII Porfirogênito, do século X, mesmo que pouco os mencione explicitamente, tal como pudemos verificar no "Livro das Cerimônias", evidenciam os inúmeros cargos que eram ocupados por eles.

Infelizmente, pudemos ter acesso a um pequeno número de textos, numa sintonia evidente com a escassez de estudos específicos sobre o assunto, tendo sido esta a maior dificuldade que encontramos ao longo da pesquisa, o que nos conduziu a uma utilização repetitiva de poucos autores, tal como ficou evidente no caso de Guilland, que para nós foi uma mina de informação.

Um aspecto que nos parece relevante, mas que não pudemos desenvolver, diz respeito à presença do eunuco no mundo conceptual bizantino, através da associação deles com os anjos e arcanjos Miguel e Gabriel. Estes sendo assexuados eram associados aos eunucos do palácio. Mas como fator positivo fica a perspectiva de futuros desdobramentos, a exemplo do que se apresenta para nós no caso da obra monumental editada por John Thomas e Angela Constantinides Hero.

O tema nos permitiu acompanhar de perto o funcionamento de uma formidável máquina estatal fundada numa burocracia enorme e dispendiosa, que certamente facilitava a corrupção e mantinha o governante afastado dos problemas do dia a dia. Por último, causa-nos grande surpresa a rarefação dos estudos de um aspecto tão fundamental para a vida do Estado Bizantino. Isto certamente evidencia as diferenças conceptuais profundas entre nosso mundo moderno, por um lado, e os mundos antigo e medieval, por outro, o que certamente traz prejuízos para a nossa compreensão dos mecanismos que regiam a vida destas duas últimas épocas.

A partir da proposta de estudar os eunucos em Bizâncio, a pesquisa nos proporcionou estudar os mais diversos assuntos, como a utilização dos eunucos na Europa Moderna, em corais onde as mulheres não podiam participar. Permitiu-nos também vivenciar um clima de descontração em

função da natureza mesma do tema, sempre associado à sexualidade e despertando olhares irônicos no convívio cotidiano.

Acima de tudo permitiu-nos ter um maior contato com a pesquisa acadêmica, nos mostrando os percalços que ela enfrenta e o enriquecimento que ela nos proporciona.

### **FONTES**

CONSTANTINO PORFIROGÊNITO. *De Administrado Imperio*. MORARVCSIK, Gy. (tr.) e R.J.H. JENKINS (Ed.) Washington: Dumbarton Oaks, 1967. (3ª ed.: 1993).

CONSTANTINO PORFIROGÊNITO. Le Livre des Cérémonies. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

NIKETAS CHONIATÈS. O City of Byzantium, Annals of Niketas Choniatès. (Tr. MAGOULIAS, Harry J.). Detroit: Wayne, 1984.

TALBOT, Alice Mary (Tr. e Ed.). *Holy Women of Byzantium: Ten Saint's Lives*. Washington: Dumbarton Oaks, 2006.

THOMAS, John e HERO, Angela Constantinides (org.). *Byzantine monastic foundation documents: A Complete Translation of the Survinvig Founders Typika and Testaments*. Traduzido para o ingles por Robert Allison, Anastasius Bandy, George Dennis, Gianfranco Fiaccadari, Catia Calatariotou, Ilija Iliev, Patrícia Karlin-Hayter, Robert Jordan, Leslie S. B. MacCoull, Timothy Miller, Joseph Minitiz, Stephen Reinert, Nancy Patterson Sevcenko, Alice-Mary Talbot e John Thomas, [19--?], 5 vol.

# REFERÊNCIAS

Chamber's Eciclopædia. Londres: George Newnes LTD. 1950. v. V

Diccionario Enciclopedico U.T. E. H. A. México: La Carpeta, S. A., 1951.

Enciclopedia Cattolica. Firenze: G. C Sansoni, 1950.

Enciclopédia Universal Ilustrada Eoropeo-americana. Madri: Espasa-Calpe S.A, 1924. Tomo XXII.

Encyclopedia e Dicionario Internacional. Lisboa, RJ, SP, Londres, Paris, Nova Iorque: Estrellain-Galeos. [19--?] v. VIII.

Everyman's Encyclopædia. Toronto: J. M. Dent & Sons LTD, 1949-50.

The Encyclopedia Americana. Nova Iorque e Chicago: Americana Corporation, 1950.

MARTINDALE, John Robert (Ed.) Prosopography of the Byzantine Empire I: (641-867). Londres: Ashgate, 2001. (CD-ROM).

*The Oxford Dictionary of Byzantium*. Kazhdan, Alexander P. (editor chefe). New York: Oxford University Press, 1991. v. 1, 2 e 3.

#### **BIBLIOGRAFIA GERAL**

BRÉHIER, Louis. *Le monde byzantin*. T. 1, Vie et mort de Byzance; T. 2, Les intitutions de l'empire byzantin; T. 3, La civilisation byzantine. Paris: Albin Michel, 1969-70.

COSER, Lewis A. "The Political Functions of Eunuchism". In: *American Sociological Review*, Vol. 29, No. 6, (Dec., 1964), pp. 880-885: American Sociological Association. Retirado de: http://www.jstor.org/stable/2090872 (25/04/2008 15:09)

DIEHL, Charles. *Os Grandes problemas da Historia bizantina*. Tr.: Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Editora das Américas, 1961.

FALKENHAUSEN, Vera von. "O bispo". In: CAVALLO, Guglielmo (org.). *O Homem Bizantino*. Tradução de Maria Bragança. Lisboa: Editorial Presença, [19--].

FRANCO, Jr. Hilário e ANDRADE, Rui de Oliveira F°. *O Império Bizantino*. São Paulo: brasiliense, 1985.

GARLAND, Lynda. Byzantine Empresses: Women and Power in Byzantium AD 527-1204. Routledge: Londres e Nova Iorque, 1999.

GIBBON, Edward. *The Decline and Fall of the Roman Empire*. Chicago: University of Chicago, 1952.Vol. I.

GIORDANI, Mário Curtis. História do império bizantino. Petrópolis: Vozes. 1968.

GUILLAND, Rodolphe. Études Byzantines. s.l: s.n, 1943. v. I p. 197-238, retirado de: www. well.Com/user/aquarius/guilland-eunuques (5/3/2007).

GUILLOU, André. La Civilisation Byzantine. Paris: Arthaud, 1990.

GUILLOU, André. "O funcionário". In: CAVALLO, Guglielmo (org.). *O Homem Bizantino*. Tradução de Maria Bragança. Lisboa: Editorial Presença, [19--].

JONES, A. H. M.. *The Later Roman Empire 284-602*. Oklahoma: Johns Hopkins, 1986. Vol. I e II.

LEMERLE, Paul. *História de Bizâncio*. Tradução: Marilene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

McCORMICK, Michael. "O imperador". In: CAVALLO, Guglielmo (org.). *O Homem Bizantino*. Tradução de Maria Bragança. Lisboa: Editorial Presença, [19--].

OSTROGORSKY, Georges. Hitoire de L'État Bizantin. Paris: Payot, 1983.

OSTROGORSKY, Georges. *Historia del Estado Bizantino*. Tradução de Javier Facci. Madrid: GREFOL 1983.

RUNCIMAN, Steven. A Civilização Bizantina. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

TAVEIRA, Celso. O Modelo Político da Autocracia Bizantina: fundamentos ideológicos e significado histórico. São Paulo: USP, 2002.

TOUGHEER, Shaun A.. "Byzantine Eunuchs: an overview, with special relevance to their creation and origin". In: JAMES, Liz (org.). *Women, men and eunuchs. Gender in Byzantium*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1997.

WALTER, Gérard. A Vida Quotidiana em Bizâncio no Século dos Comenos (1081-1180). Tradução de João Pedro de Andrade. Lisboa: Libraire Hachete, [19--].